



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

Literatura



William Shakespeare

A Tempestade

Tradução
Carlos Alberto Nunes



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

A Tempestade
William Shakespeare

Tradução
Carlos Alberto Nunes
(1897-1990)

Atualização ortográfica e projeto gráfico
Iba Mendes

Editado a partir da edição de "Ridendo Castigat Mores" e versão de "eBooksBrasil.org", confrontando-se com a publicação das Edições Melhoramentos: "Obras completas de Shakespeare".

Capa: Revista "O Cruzeiro" (1938)

Livro Digital nº 881 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Estrangeira.

William Shakespeare
(1564 - 1616)



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

A TEMPESTADE



PERSONAGENS:

ALONSO (rei de Nápoles)

SEBASTIÃO (seu irmão)

PRÓSPERO (o legítimo duque de Milão)

ANTÔNIO (seu irmão, duque usurpador de Milão)

FERDINANDO (filho do rei de Nápoles)

GONZALO (um velho e honesto conselheiro)

ADRIANO }
FRANCISCO } (nobres)

CALIBÃ (escravo selvagem e disforme)

TRÍNCULO (palhaço)

ESTÉFANO (despenseiro bêbado)

MIRANDA (filha de Próspero)

ARIEL (espírito do ar)

ÍRIS }
CERES }
JUNO } (espíritos)
NINFAS }
SEGADORES }

Outros espíritos (a serviço de Próspero)

Comandante de um navio, contramestre, marinheiros.

ATO I

CENA I

*A bordo de um navio no mar. Tempestade, com relâmpagos e trovões.
Entram, por lados diferentes, um comandante de navio e um contramestre.*

COMANDANTE

Contramestre!

CONTRAMESTRE

Aqui, comandante! Tudo bem?

COMANDANTE

Bem. Falai com os marinheiros. Pegai firme, se não, iremos dar à costa. Mãos à obra! Mãos à obra!

(Entram marinheiros)

CONTRAMESTRE

Vamos, corações! Coragem! Coragem, meus corações! Força! Coragem! Amainai a mezena! Prestai atenção ao apito do comandante! — Sopra, vento, até arrebentar, se houver espaço bastante!

(Entram Alonso, Sebastião, Antônio, Ferdinando, Gonzalo e outros)

ALONSO

Cuidado, cuidado, bondoso contramestre! Onde está o comandante? Sede homens!

CONTRAMESTRE

Por obséquio, ficai lá embaixo.

ANTÔNIO

Contramestre, onde está o comandante?

CONTRAMESTRE

Não o estais ouvindo? Mas, assim, atrapalhais nosso trabalho. Permanecei nos camarotes; estais mas é ajudando a tempestade.

GONZALO

Tende paciência, amigo.

CONTRAMESTRE

Quando o mar tiver paciência. Vamos, fora daqui! Que importa a estes berradores o nome de rei? Ide para os camarotes! Silêncio! Não nos prejudiqueis!

GONZALO

Bem; mas lembra-te de quem levas a bordo.

CONTRAMESTRE

Ninguém a quem eu ame mais do que a mim próprio. Sois conselheiro, não? Se pudermos impor silêncio a estes elementos e estabelecer ordem imediata, não tocaremos em uma só corda mais. Recorrei a vossa autoridade; mas se ela for inoperante, dai graças ao céu por terdes vivido tanto e ficai nos camarotes preparados para o que vossa hora vos reservou. — Coragem, meus corações! — Saí do caminho, já disse! (*Sai*)

GONZALO

Tenho muita confiança neste camarada. Não tem cara de quem há de morrer afogado. Tem mais cara de enforcado. Persisti, bondoso Fado, no enforcamento dele. Fazei que a corda de seu destino seja nosso cabo, que o nosso mesmo não oferece nenhuma resistência. Mas se ele não nasceu para a força, nossa situação é miserável.

(*Saem. Volta o Comandante*)

CONTRAMESTRE

Amainai o joanete! Vamos! Depressa! Mais baixo! Mais baixo! Experimentemos deixar só a vela grande! (*Ouve-se um grito no interior*) A peste leve esses gritadores! Fazem mais barulho do que a tempestade e todas as manobras. (*Voltam Sebastião, Antônio e Gonzalo*) Outra vez? que fazeis aqui? Será preciso largar tudo e perecer afogado? Quereis ir para o fundo?

SEBASTIÃO

Que a bexiga vos ataque a goela, cão gritador, blasfemo e sem caridade!

CONTRAMESTRE

Nesse caso, trabalhai!

ANTÔNIO

Vai te enforcar, mastim! Vai te enforcar, gritador insolente e sem-vergonha! Temos menos medo de perecer afogado do que tu.

GONZALO

Sirvo eu de fiador em como ele não morrerá afogado, ainda que o navio fosse tão resistente quanto uma casca de noz, e vazasse tanto quanto uma rapariga incontinente.

CONTRAMESTRE

Orça! Orça! Largai duas velas! Virai de bordo outra vez! Ao largo! Ao largo!

(Entram marinheiros com roupas molhadas)

MARINHEIROS

Está tudo perdido! Vamos rezar! Vamos rezar! Está tudo perdido!

(Saem)

CONTRAMESTRE

Como! Teremos de ficar com a boca fria?

GONZALO

O rei e o filho rezam; imitemo-los, que o nosso caso é o mesmo.

SEBASTIÃO

É intolerável!

ANTÔNIO

A vida temos à mercê de uns bêbedos, trapaceiros no jogo. Aquele biltre de boca escancarada... Só quisera ver-te a afogar, e que levado fosses por dez marés!

GONZALO

Espera-o mas é a força, muito embora a isso se opusessem todas as gotas de água e se alargassem, para tragá-lo de uma vez. (*Rumores confusos no interior*) “Misericórdia!” “O navio está abrindo! Naufragamos!” “Adeus, irmão!” “Estamos naufragando!”

ANTÔNIO

Pereçamos com o rei. (*Sai*)

SEBASTIÃO

Despeçamo-nos dele. (*Sai*)

GONZALO

Daria agora mil estádios de mar por uma jeira de terra estéril com urzes longas, tojo escuro... fosse o que fosse. Seja feita a vontade lá de cima; mas preferia ter morte seca. (*Sai*)

CENA II

A ilha. Diante da cela de Próspero. Entram Próspero e Miranda.

MIRANDA

Se com vossa arte, pai querido, as águas selvagens levantastes, acalmá-las. Derramaria o céu pez escaldante, se até sua face o mar não se elevasse, para apagar o fogo. Como a vista dos que sofriam me era dolorosa! Um navio tão bravo, que, sem dúvida, conduzia pessoas excelentes, reduzido a pedaços! Transpassaram-me o coração seus gritos. Pobres almas! Pereceram. Se eu fosse um deus potente, pela terra absorvido o mar seria, antes de naufragar tão bom navio com sua carga de almas.

PRÓSPERO

Tranquiliza-te. Acalma o susto e conta ao teu piedoso coração que não houve nenhum dano.

MIRANDA

Oh! Que dia!

PRÓSPERO

Nenhum. Tudo o que fiz, foi por ti, simplesmente, minha filha, por tua causa, filha idolatrada, que não sabes quem és, nem tens notícia de onde eu teria vindo, nem que eu possa ser mais que Próspero, talvez, o dono desta gruta e teu pai não muito grande.

MIRANDA

Desejos nunca tive de obter outras informações.

PRÓSPERO

É tempo de saberes alguma coisa mais. A mão me empresta e dos ombros me tira o manto mágico. — Perfeitamente. (*Tira o manto*) Fica aí, minha arte. — As lágrimas enxuga; fica alegre. O espetáculo terrível do naufrágio que em ti fez despertar a própria força da compaixão, por mim foi de tal modo dirigido, com tanta segurança, que, de toda essa gente, cujos gritos ouviste e que à tua vista naufragou, nenhuma alma, nenhuma, nem um fio de cabelo sofreu nenhum prejuízo. Senta-te aqui; precisas saber tudo.

MIRANDA

Mais de uma vez quisestes revelar-me quem eu sou; mas paráveis, entregando-me a vãs cogitações, e me dizíeis: “Espera mais; é cedo”.

PRÓSPERO

Chegou a hora, não, o minuto justo em que é preciso teres o ouvido aberto. Ora obedece-me e atenção presta a tudo. Tens alguma lembrança da época em que nós ainda não vivíamos nesta cela pobre? Não acredito, pois naquele tempo não contavas três anos.

MIRANDA

Oh! decerto, senhor, posso lembrar-me.

PRÓSPERO

Por que indícios? Outra casa? Pessoas diferentes? A imagem me revela do que possas ainda ter conservado na memória.

MIRANDA

Tudo muito distante. É mais um sonho do que certeza o que a reminiscência me leva a asseverar. Não houve uma época, há muito tempo, em que de mim cuidavam quatro ou cinco mulheres?

PRÓSPERO

Sim, Miranda; e mais, até. Porém, como te lembras de semelhante coisa? Que distingues, além disso, no escuro do passado e no seio do tempo? Se consegues lembrar-te de algo acontecido em época anterior à tua vinda, também podes lembrar-te como para cá vieste.

MIRANDA

Disso, porém, não tenho ideia alguma.

PRÓSPERO

Há doze anos, Miranda, sim, doze anos, era teu pai um poderoso príncipe, e Duque de Milão.

MIRANDA

Então, senhor, não sois meu pai?

PRÓSPERO

Tua mãe foi um modelo de virtude, e me disse que, em verdade, minha filha tu eras. Teu pai era, pois, Duque de Milão. Como herdeira única tinha ele uma princesa, nada menos.

MIRANDA

Oh céus! Por que traição perdemos isso? Ou foi melhor assim?

PRÓSPERO

Ambas as coisas. Sim, por traição, como disseste, viemos parar aqui; mas redundou em nossa felicidade.

MIRANDA

Oh céus! O coração me sangra só de pensar em quanto vos fui causa de sofrimento, do que não me resta nada mais na memória. Prossegui, por obséquio.

PRÓSPERO

Meu mano, e, pois, teu tio, de nome Antônio... Peço-te prestar-me toda atenção. — Concebe-se que possa ser um irmão tão pérfido a esse ponto? — Depois de ti, era a ele que eu amava mais do que tudo neste mundo, tendo-lhe confiado a direção de meu Estado, que, na época, primava sobre todos, tal como Próspero entre os outros príncipes. Gozando de tão alta dignidade, não achava rival no que respeita às artes liberais. A estas dedicando todo o meu tempo, o peso do governo transferi a meu mano, assim tornando-me cada vez mais estranho à minha terra, porque às ciências secretas dedicado. Teu falso tio, entanto... Estás me ouvindo?

MIRANDA

Sou toda ouvidos, meu senhor.

PRÓSPERO

Havendo ficado inteiramente a par de como satisfazer pedidos ou negá-los, a quem favorecer, a quem de todo burlar nas pretensões, criou de novo minhas criaturas, ou melhor, mudou-lhes a natureza, outra feição lhes dando. A um só tempo dispondo dos ofícios e da chave do cargo, afinou todos os corações de acordo com a toada que aos ouvidos mais grata lhe soasse, e na hera se mudou, pois, que meu trono principesco escondia e que lhe a seiva vital sugava toda. Mas não prestas atenção ao que eu digo.

MIRANDA

Presto, sim, meu bondoso senhor.

PRÓSPERO

Não percas nada peço-te. Descurando dos assuntos temporais e vivendo inteiramente retirado, a cuidar, tão-só, dos meios de aperfeiçoar o espírito com as artes que, a não serem secretas, no conceito dos homens subiriam, fiz instintos perversos despertar no mano pérfido. Minha confiança, como pai bondoso, fez nascer nele uma traição tão grande quanto minha boa-fé, que era, em verdade, sem limites, imensa. Assim, tornado senhor não só de quanto

minhas rendas lhe facultavam, mas também de tudo que meu poder, então, lhe permitia — como alguém que o pecado da memória cometesse, por dar inteiro crédito às suas próprias mentiras, enunciadas como verdades puras — chegou ele a acreditar que era, de fato, o duque, por ser o substituto e estar afeito às mostras exteriores da realeza e aos privilégios inerentes a ela. Tendo sua ambição tomado vulto... Estás me ouvindo?

MIRANDA

Estou, senhor, que a vossa narração curaria os próprios surdos.

PRÓSPERO

Porque anteparo algum se interpusesse entre o papel que então lhe competia e o ator desse papel, julgou preciso tornar-se de Milão o único dono. Eu, coitado, ducado muito grande já me era a biblioteca. Ele julgou-me incapaz da realeza temporária; confederou-se com o Rei de Nápoles — tal era a sua sede de domínio! — prometendo pagar-lhe anual tributo e prestar-lhe homenagem, sujeitando sua coroa à dele, e, assim, deixando-a — pobre Milão, que nunca se dobrara! — na mais vil sujeição.

MIRANDA

Oh céus!

PRÓSPERO

Reflete sobre essas condições e as consequências de semelhante aliança, e ora me dize se era um irmão esse homem.

MIRANDA

Fora grande pecado ajuizar mal de minha avó. Já se têm visto muito nobres ventres dar à luz ruins filhos.

PRÓSPERO

Mas cheguemos às condições. Sendo esse Rei de Nápoles meu inimigo acérrimo, a proposta de meu irmão aceita, isto é, em troca da vassalagem e do estipulado tributo — não sei quanto — compromete-se a me expulsar e aos meus do meu ducado,

entregando Milão, a incomparável, com suas honras todas, a meu mano. Assim, reunido um traiçoeiro exército, em certa noite apropriada ao feito abriu Antônio as portas da cidade e em plena escuridão os seus asseclas me tiraram dali rapidamente, contigo, pobrezinha, esfeita em lágrimas.

MIRANDA

Oh, que tristeza! Tendo-me esquecido como eu chorava então, desejo sinto de chorar novamente; os olhos força-me esta oportunidade.

PRÓSPERO

Alguns momentos mais de atenção, para chegarmos logo ao ponto principal, sem o que fora toda esta história assaz impertinente.

MIRANDA

Por que não nos tiraram logo a vida?

PRÓSPERO

Bela pergunta, jovem, suscitada por minha narrativa. Não ousaram, querida — tanto o povo me estimava — pôr um selo tão rubro nesse assunto; mas emprestaram cores mais risonhas a seus nefandos fins. Em suma, à pressa, puseram-nos num barco e a algumas léguas da costa nos levaram, onde tinham prestes uma carcaça apodrecida de navio, sem mastros, sem cordoalha, sem vela, nada, enfim. Os próprios ratos o haviam, por instinto, abandonado. Guindaram-nos para aí, porque chorássemos às ondas mugidoras e suspiros enviássemos aos ventos, que, piedosos, devolvendo os suspiros, nos faziam sofrer por amizade.

MIRANDA

Oh! Quanto incômodo não vos causei!

PRÓSPERO

Um querubim tu foste, que a vida me salvou. Então sorrias, enquanto eu borrifava o mar com lágrimas salgadas, a gemer sob o

meu fardo. Isso me deu a irresistível força para aguentar quanto o futuro incerto me reservasse ainda.

MIRANDA

E de que modo fomos bater à praia?

PRÓSPERO

A Providência divina nos guiou. Conosco tínhamos alimentos alguns e um pouco de água potável que Gonzalo, da nobreza napolitana, e que incumbido fora da execução de todo esse projeto, por piedade, tão-só, nos concedera, além de ricas vestes, linho, panos e muitas outras coisas, que têm sido de grande utilidade. Assim, por pura gentileza, sabendo quanto apego eu tinha aos livros, trouxe-me de minha biblioteca volumes que eu prezava mais do que meu ducado.

MIRANDA

Oh! Se algum dia pudesse eu ver esse homem!

PRÓSPERO

Ora fico de pé outra vez. (*Torna a vestir o manto*) Sentada continua, para ouvires o fim de nossos longos dissabores marítimos. Chegamos a esta ilha, e aqui me foi possível, como teu preceptor, fazer que progredisses mais do que outras princesas que dispõem de muitas horas fúteis e não contam com um mestre tão assíduo e dedicado.

MIRANDA

O céu vos recompense. E ora dizei-me, por favor, que ainda tenho inquieto o espírito: por que essa tempestade levantastes?

PRÓSPERO

Aprenderás mais isso. Por acaso muito estranho a Fortuna generosa, minha senhora mui prezada agora, trouxe os meus inimigos a esta praia. A ciência do futuro me revela que o meu zênite se acha dominado por um astro auspicioso, cuja influência me cumpre aproveitar, caso não queira que se apague de vez a minha sorte. E

agora basta de perguntas. Mostras-te inclinada a dormir, sendo preciso ceder a esse torpor em tudo grato. Não podes escolher, tenho certeza. (*Miranda adormece*) Servidor, estou pronto novamente! Vem, meu Ariel! Aqui!

(*Entra Ariel*)

ARIEL

Meu grande mestre, salve! Salve, grave senhor! Vim para em tudo obedecer-te, ou seja para voar, nadar, no fogo mergulhar, ou montar nas nuvens densas. Tua vontade forte é que domina Ariel e seu poder.

PRÓSPERO

Executaste, espírito, direito a tempestade, conforme te ordenei?

ARIEL

Ponto por ponto. Assaltei o real barco; ora na proa, ora nos flancos, na coberta, em todos os camarotes acendi o susto. Dividido, por vezes, inflamava-me em diversos lugares: sobre o mastro, no gurupés, nas vergas, em distintas chamas aparecia, para numa, depois, me concentrar. Não são mais rápidos nem mais ofuscadores os relâmpagos de Jove, precursores das trovoadas assustadoras. Tanto fogo e o embate do sulfúrico estrondo pareciam tomar de assalto o muito poderoso Netuno e amedrontar suas bravas ondas. Sim, até o tridente formidável lhe tremia nas mãos.

PRÓSPERO

Meu bravo espírito! Quem terá sido tão constante e firme que a razão não pendesse em tal revolta?

ARIEL

Não houve alma que a febre da loucura não revelasse e não mostrasse certos sinais de desespero. Com exceção dos marinheiros, todos mergulharam na espumosa voragem, desertando o navio, que em chamas eu deixara. O herdeiro da coroa, Ferdinando, com os cabelos em pé — mais parecia junco do que cabelo — deu o

exemplo, e, ao altar, exclamou: “Ficou vazio todo o inferno; os demônios estão soltos!”

PRÓSPERO

Muito bem, meu espírito! Foi isso perto da praia, não?

ARIEL

Bem perto, mestre.

PRÓSPERO

Mas Ariel, estão salvos mesmo todos?

ARIEL

Não se perdeu um fio de cabelo, nem há nas vestes com que se salvaram uma mancha sequer; mais frescas todas estão do que antes. E, de acordo sempre com o que recomendaste, dispersei-os em bandos por toda a ilha. O herdeiro príncipe, fi-lo chegar a terra por si próprio. Deixei-o a refrescar o ar com suspiros, sentado a um canto estranho da ilha, os braços tristemente cruzados, deste modo.

PRÓSPERO

O real navio, com seus marinheiros, dize onde foi parar, e os mais da frota?

ARIEL

O navio do rei está no porto, no golfo em que uma vez me convocaste para buscar orvalho das Bermudas tempestuosas. Ali se acha escondido. Todos os marinheiros estão dentro da escotilha; com meus encantamentos secundando a fadiga dos trabalhos, deixei-os a dormir. Os outros barcos que eu dispersara estão de novo juntos. Pelo Mediterrâneo agora singram, tristemente rumando para Nápoles, certos de terem visto a capitania, que o rei levava, soçobrar e Sua Grandeza perecer.

PRÓSPERO

Ariel, cumpriste tua missão a ponto; mas ainda terás o que fazer. Que tempo é agora?

ARIEL

Meio-dia passado.

PRÓSPERO

Pelo menos de duas ampulhetas. Preciso que aproveitar saibamos o intervalo de agora até seis horas.

ARIEL

Mais fadigas? Já que novos trabalhos me destinas, permite que te lembre uma promessa que ainda não cumpriste.

PRÓSPERO

Quê! Zangado? Que podes desejar?

ARIEL

A liberdade.

PRÓSPERO

Antes do tempo certo? Nunca!

ARIEL

Lembra-te que te prestei serviços importantes nunca menti, não descuidei de nada nem me mostrei queixoso ou rabugento. Prometeste abater-me um ano inteiro.

PRÓSPERO

Pareces esquecido do tormento de que te libertei.

ARIEL

Eu, esquecido?

PRÓSPERO

Sim, esqueceste, e julgas de mais peso pisar no limo do salgado pélagos, ir empós do cortante vento norte, nas veias, para mim, descer da terra, quando o gelo a recoze.

ARIEL

Senhor, não!

PRÓSPERO

Mentes, coisa maligna! Não te lembras da repelente bruxa Sicorax, que a idade e a inveja em arco recurvaram? Já te esqueceste dela?

ARIEL

Não, senhor.

PRÓSPERO

Só parece que sim. Se não, me dize: de onde era ela? Onde nasceu? Responde.

ARIEL

Na Argélia, meu senhor.

PRÓSPERO

Ah! sim? Preciso todos os meses repetir quem foste, coisa de que te esqueces a toda hora. Essa bruxa maldita, Sicorax, por crimes horrorosos e terríveis feitiçarias que os mortais ouvidos não podem suportar, se viu banida, como sabes, da Argélia. Uma só coisa — ia ser mãe — pôde salvar-lhe a vida. Não é verdade tudo?

ARIEL

Sim, senhor.

PRÓSPERO

Por grávida encontrar-se, essa megera de olhos azuis foi para cá trazida e abandonada pelos marinheiros. Tu, meu escravo, como te nomeias, eras, então, seu criado. Mas por seres um espírito muito delicado para suas ordens por demais terrenas e repugnantes, não te submetias a quanto ela ordenava, razão clara de te haver ela, ouvindo o imperativo de seu furor imenso e com o auxílio de seus ministros de poder mais forte, fechado numa fenda de pinheiro. Nessa racha de tronco, atormentado, uns doze anos ficaste, no qual tempo veio a morrer a amaldiçoada bruxa, na prisão te deixando,

onde soltavas gemidos tão frequentes como as rodas do moinho em seu girar. Então, esta ilha — se excetuarmos o filho que ela teve, um mostrengo manchado — forma humana nenhuma a enobrecia.

ARIEL

Sim, seu filho Calibã.

PRÓSPERO

Coisa obtusa, é o que te digo. É o mesmo Calibã que ora me serve. Ninguém melhor que tu sabe os tormentos em que te achei. Faziam teus gemidos ulular lobos e calavam fundo no coração dos ursos indomáveis. Era martírio para os condenados aos suplícios eternos, que desfeito já não podia ser por Sicorax.

ARIEL

Agradeço-te, mestre.

PRÓSPERO

Caso venhas de novo a murmurar, fendo um carvalho e como cunha te comprimo dentro de seu nodoso corpo, até que venhas ululado durante doze invernos.

ARIEL

Perdão, mestre; mas hei de conformar-me a quanto me ordenares, perfazendo de grado minha obrigação de espírito.

PRÓSPERO

Faze assim, porque dentro de dois dias dar-te-ei a liberdade.

ARIEL

Eis o meu nobre mestre, novamente! Que é preciso fazer? Dize. Que mandas?

PRÓSPERO

A forma adquire logo de uma ninfa, a mim e a ti visível, tão-somente, a ninguém mais. Assume essa postura e volta para cá.

Vamos! Depressa! (*Sai Ariel*) Acorda, coração, acorda logo; já dormiste bastante.

MIRANDA (*despertando*)

O extraordinário de vossa história me deixou com sono.

PRÓSPERO

Sacode-o. Vamos ver o meu escravo Calibã, que só tem palavras duras para minhas perguntas.

MIRANDA

É um velhaco, meu senhor, cuja vista me repugna.

PRÓSPERO

Contudo, não podemos dispensá-lo. Acende-nos o fogo, traz-nos lenha e nos presta serviços variados de muita utilidade. Olá! Escravo! Bloco de terra! Calibã! Responde!

CALIBÃ (*dentro*)

Há muita lenha em casa.

PRÓSPERO

Vem! Já disse. Vou dar-te outro serviço. Tartaruga, vem logo! Vens? (*Entra Ariel, metamorfoseado em ninfa do mar*) Que linda aparição! Meu precioso Ariel, ouve-me à parte.

ARIEL

Será feito, senhor. (*Sai*)

PRÓSPERO

Vem para fora, escravo venenoso, pelo próprio diabo gerado em tua mãe maldita.

(*Entra Calibã*)

CALIBÃ

Que em vós dois caia orvalho tão nocivo como o que minha mãe tinha por hábito colher nos charcos pútridos com uma asa negra de corvo. Em vós sopra o sudoeste e vos deixe cobertos de feridas.

PRÓSPERO

Por isso, fica certo, hás de esta noite sofrer câibras contínuas e pontadas sentir que te hão de perturbar o fôlego. À noite, todo o tempo em que puderem mexer-se os duendes, hão de exercitar-se sem pausa sobre ti. Tão densamente como um favo de mel serás picado, sendo mais dolorosa cada uma dessas ferretoadas do que quantas deem as próprias abelhas.

CALIBÃ

Está na hora do meu jantar. Esta ilha é minha; herdei-a de Sicorax, a minha mãe. Roubaste-ma; adulavas-me, quando aqui chegaste; fazias-me carícias e me davas água com bagas, como me ensinaste o nome da luz grande e da pequena, que de dia e de noite sempre queimam. Naquele tempo, tinha-te amizade, mostrei-te as fontes frescas e as salgadas, onde era a terra fértil, onde estéril... Seja eu maldito por havê-lo feito! Que em cima de vós caia quanto tinha de encantos Sicorax: besouros, sapos e morcegos. Eu, todos os vassallos de que dispondes, era nesse tempo meu próprio soberano. Mas agora me encheirastes nesta dura rocha e me proíbes de andar pela ilha toda.

PRÓSPERO

Escravo mentiroso, só pancada te pode comover, nunca o bom trato. Sujo como és, tratei-te como gente, alojando-te em minha própria cela, até ao momento em que tiveste o ousio de querer desonrar a minha filha.

CALIBÃ

Oh oh! Oh oh! Quisera tê-lo feito; mas mo impediste. Se não fora isso, com Calibãs houvera a ilha povoado.

PRÓSPERO

Escravo abominável, carecente da menor chispa de bondade, e apenas capaz de fazer mal! Tive piedade de ti; não me poupei canseiras, para ensinar-te a falar, não se passando uma hora em que não te dissesse o nome disto ou daquilo. Então, como selvagem, não sabias nem mesmo o que querias; emitias apenas gorgorejos, tal como os brutos; de palavras várias dotei-te as intenções, porque pudesses tomá-las conhecidas. Mas embora tivesse aprendido muitas coisas, tua vil raça era dotada de algo que as naturezas nobres não comportam. Por isso, merecidamente, foste restringido a esta rocha, sendo certo que mais do que prisão tu merecias.

CALIBÃ

A falar me ensinastes, em verdade. Minha vantagem nisso, é ter ficado sabendo como amaldiçoar. Que a peste vermelha vos carregue, por me terdes ensinado a falar vossa linguagem.

PRÓSPERO

Fora daqui, filho de feiticeira! Vai buscar lenha e não demores nada, e o que te digo, que ainda tens serviço. Ah! Pouco se te dá, demônio? Caso negligencies ou faças de mau grado quanto estou a mandar, com velhas cãibras a tratos ficarás, cheios teus ossos de dores lancinantes, que te obriguem a rugir de tal modo, que até as feras hão de tremer à tua gritaria.

CALIBÃ

Não, por favor... (*À parte*) Forçoso é obedecer. Sua arte é tão potente, que lhe fora possível dominar até Setebos, o deus de minha mãe e transformá-lo em seu vassalo, até.

PRÓSPERO

Vai logo, escravo!

(*Sai Calibã. Volta Ariel, invisível, tocando e cantando; Ferdinando o segue*)

CANTIGA DE ARIEL: Sobre esta areia amarela saudai a bela. E após a terdes beijado e o mar caiado, cantai, espíritos ledos, em coro, vossos brinquedos. Ouvi! Ouvi!

CORO DISPERSO

Au! Au! Os cães ladram em sarau

CORO DISPERSO

Au! Au! Ouvi sequer o canto do chantecler: Co-co-ri-có!

FERDINANDO

De onde vem esta música? Da terra? Do céu, talvez? Parou. É dirigida, certamente, a algum deus desta bela ilha. Na praia eu me encontrava, a lastimar-me pelo naufrágio de meu pai, o rei, quando por sobre as águas esta música chegou até a mim, deixando serenada com o seu doce encanto, a um tempo, a fúria delas e a minha mágoa. Acompanhei-a até aqui, ou melhor: fui arrastado. Mas já parou. Não! Ei-ia novamente.

ARIEL (*canta*)

Teu pai está a cinco braças.

Dos ossos nasceu coral,

dos olhos, pérolas baças.

Tudo nele é perenal;

mas em algo peregrino

transforma-o o mar de contínuo

O sino das ninfas soa: (*Coro*)

Dim, dim, dão!

Escutai como reboa: (*Coro*)

Dim, dim, dão!

FERDINANDO

Faz-me lembrar a toada o pai defunto. Não é mortal cantiga, nem terrenos são esses sons. Agora os ouço em cima.

PRÓSPERO

Afasta as franjas que te os olhos cobre e dize o que ali vês.

MIRANDA

Será espírito? Oh céus! que olhar o dele! Acreditai-me, senhor, a forma é bela. Mas é espírito.

PRÓSPERO

Não, menina; ele dorme, come e bebe como nós dois, e tem iguais sentidos. Perfeitamente iguais. Esse mancebo que ali vês é um dos naufragos. Não fosse ora achar-se algum tanto maculado pela tristeza — o verme da beleza — poderias chamar-lhe um homem belo. Perdeu os companheiros e ora vaga pela ilha a procurá-los.

MIRANDA

Chamar-lhe-ia, de grado, algo divino. Jamais coisa natural vi tão nobre.

PRÓSPERO (*à parte*)

Tudo marcha como na alma desejo. — a belo espírito, só por isto dar-te-ei a liberdade nestes dois dias.

FERDINANDO

Certamente é a deusa a quem era dedicada aquela música. — Dai-me saber se tendes na ilha a sede e se podeis instruir-me sobre o modo de comportar-me aqui. Minha primeira pergunta, que por último enuncio, será: Ó maravilha! Sois humana ou divina? Que sois?

MIRANDA

Não maravilha, não divina, senhor; mulher, decerto.

FERDINANDO

Minha linguagem! Céus! Sou o mais alto dos que esta língua falam! Se de novo me achasse no país em que é falada!

PRÓSPERO

Como assim? O mais alto? Que diria, se te ouvisse falar, o Rei de Nápoles?

FERDINANDO

Algo modesto, tal como ora sou, que se mostra admirado por ouvir-te falar do Rei de Nápoles. Ele ouvi-me; por isso mesmo, choro. Eu, só, sou Nápoles, que com estes olhos, desde então em pranto, vi o rei naufragar, o rei meu pai.

MIRANDA

Oh, dor!

FERDINANDO

É certo; com seus nobres todos. O Duque de Milão, também com eles, e seu valente filho, pereceram.

PRÓSPERO (*à parte*)

O Duque de Milão e sua filha não menos valorosa poderiam contradizer-te, se mais oportuna fosse a ocasião. — Logo à primeira vista trocou com ela olhares. Só por isto, meu delicado Ariel, vou libertar-te. — Uma palavra, meu senhor. Receio que dizendo isso, vos prejudiqueis.

MIRANDA (*à parte*)

Por que meu pai se expressa por maneira tão pouco delicada? Este é o terceiro homem que jamais vi, sendo o primeiro que me fez suspirar. Que a piedade possa inclinar meu pai para o meu lado.

FERDINANDO (*à parte*)

Se fordes virgem e se não tiverdes comprometido o coração, de Nápoles rainha vos farei.

PRÓSPERO

Mais devagar, caro senhor. Uma palavra, ainda. (*À parte*) Ambos estão rendidos. É preciso, porém, deixar um pouco mais difícil essa conquista, para que a vitória fácil demais não desmereça o preço. (*A Ferdinando*) Uma palavra. Intimo-te a escutar-me. Um nome usurpas que não te pertence e como espião chegaste a esta ilha, para me tomares, a mim, o senhor dela.

FERDINANDO

Não; por minha honra de homem, vo-lo afirmo.

MIRANDA

Nada de mau pode abrigar tal templo. Se de casa tão nobre dispusesse o espírito ruim, tudo o que é belo se esforçaria para morar nela.

PRÓSPERO (*a Ferdinando*)

Acompanha-me! (*A Miranda*) Dele não me fales. É um traidor. (*A Ferdinando*) Vamos logo. Hei de prender-te com fortes elos o pescoço e as pernas. Água do mar terás como bebida; como alimento encontrarás somente mexilhões dos regatos, ressequidas raízes e folhelhos, onde as glandes tenham feito seus leitos. Vamos logo!

FERDINANDO

Não; vou opor-me a esse tratamento até que meu inimigo me domine. (*Saca da espada, mas, por encantamento, fica sem poder mover-se*)

MIRANDA

Oh! Não o provoqueis, pai extremoso, com tanta rispidez. Ele é educado, não temeroso em nada.

PRÓSPERO

Como! Tenho de obedecer aos pés? — Guarda essa espada, traidor! Fazes menção, tão-só, de usá-la, mas coragem não tens, que, assaz pesada, te reprime a consciência. Deixa logo de tomar posição, que eu poderia com meu bastão fazer cair-te essa arma.

MIRANDA

Pai, compaixão!

PRÓSPERO

Solta-me a roupa, digo!

MIRANDA

Piedade, pai. Serei tua fiadora.

PRÓSPERO

Nem mais uma palavra! Do contrário, repreender-te-ei, se não chegar a odiar-te. Como! Advogando de um traidor a causa? Silêncio, disse! Pensas que no mundo não há ninguém assim, porque só viste a Calibã e a este. Rapariga sem juízo! Comparado a muitos homens, este é outro Calibã, como são anjos os homens perto dele

MIRANDA

Nesse caso, muito modestos são meus sentimentos; não ambiciono ver ninguém mais belo.

PRÓSPERO

Vem comigo; obedece-me. Teus músculos ainda estão na infância não têm força.

FERDINANDO

Realmente; como em sonho tenho o espírito: acorrentado. A morte de meu pai, a fraqueza que sinto, num naufrágio perdidos os amigos, as ameaças deste senhor, de quem sou prisioneiro, tudo eu suportaria, se pudesse, uma só vez ao dia, de meu cárcere contemplar esta jovem. Que me importa que em todo o vasto mundo a liberdade possa encontrar guarida? Assaz espaço terei nesta prisão.

PRÓSPERO (*à parte*)

Vai bem. (*A Ferdinando*) Sigamos. (*A Ariel*) Trabalhaste a primor, querido Ariel. (*A Ferdinando*) Acompanha-me. (*A Ariel*) Aguarda as minhas ordens.

MIRANDA

Senhor, ficai tranquilo; melhor gênio tem meu pai do que o inculcam tais palavras. O que ele fez agora é inteiramente fora do natural.

PRÓSPERO

Serás tão livre como o vento, mas faze exatamente tudo o que eu te mandar.

ARIEL

Ponto por ponto.

PRÓSPERO

Acompanhai-me. — Não me digas nada.

(*Saem*)

ATO II

CENA I

Outra parte da ilha. Entram Alonso, Sebastião, Antônio, Gonzalo, Adriano, Francisco e outros.

GONZALO

Por obséquio, senhor, ficai alegre. Tendes motivo, como nós, de júbilo, pois de muito ultrapassa o que salvamos a tudo o que perdemos. Nossa causa de tristeza é comum. Todos os dias uma mulher de marinheiro, o chefe de algum barco de carga, ou mesmo o dono desse barco, o mesmíssimo motivo têm de tristeza. Mas no que respeita ao milagre, refiro-me, sem dúvida, à nossa salvação, poucas pessoas falarão como nós. Por isso, penso, caro senhor, que contrabalançadas estão as perdas com o que lucramos.

ALONSO

Cala-te, por obséquio.

SEBASTIÃO

Essas palavras são para ele tal qual um caldo frio.

ANTÔNIO

Mas o visitador ainda insiste.

SEBASTIÃO

O relógio do espírito ele apresta; vai dar horas.

GONZALO

Senhor!

SEBASTIÃO

Uma! Falai.

GONZALO

Quando as tristezas são assim tratadas, sabeis o que se ganha?

SEBASTIÃO

Sei; um dólar.

GONZALO

Isso mesmo: uma dor. Falastes com mais acerto do que poderíeis imaginar.

SEBASTIÃO

E vós interpretastes o dito com mais espírito do que eu esperava que o fizésseis.

GONZALO

Assim sendo, meu senhor...

ANTÔNIO

Oh céus! Como ele é pródigo com a língua!

ALONSO

Por favor, parai com isso.

GONZALO

Já parei. Contudo...

SEBASTIÃO

Ele precisa continuar a falar.

ANTÔNIO

Quem será o primeiro a cantar: ele ou Adriano? Vamos apostar?

SEBASTIÃO
O galo velho.

ANTÔNIO
Não, o novo.

SEBASTIÃO
Feito. Quanto apostamos?

ANTÔNIO
Uma gargalhada.

SEBASTIÃO
Aceito.

ADRIANO
Conquanto esta ilha pareça deserta...

SEBASTIÃO
Ah, ah, ah! Já estais pago.

ADRIANO
Inabitada e quase inacessível...

SEBASTIÃO
Contudo...

ADRIANO
Contudo...

ANTÔNIO
Ele não poderia deixar de achá-la.

ADRIANO
Precisará ser de sutil, doce e agradável temperança.

ANTÔNIO

Temperança era uma rapariga delicada.

SEBASTIÃO

E sutil, como ele disse com muita erudição.

ADRIANO

Sentimos-lhe o suave bafejo.

SEBASTIÃO

Como de pulmões podres.

ANTÔNIO

Ou como se tivesse sido perfumado por um pântano.

GONZALO

Tudo aqui é vantajoso para a vida.

ANTÔNIO

Sim, com exceção dos mantimentos.

SEBASTIÃO

Que é o que não se encontra, ou muito pouco.

GONZALO

Que aparência fresca e agradável a desta relva! Como é verde!

ANTÔNIO

Realmente; o chão é aleonado.

SEBASTIÃO

Com uma pequena tonalidade verde.

ANTÔNIO

Ele quase não erra.

SEBASTIÃO

Realmente; apenas afasta-se por completo da verdade.

GONZALO

Mas o mais raro de tudo isso, que, por assim dizer, é inacreditável...

SEBASTIÃO

Como se dá com a maioria das raridades muito recomendadas...

GONZALO

...é que as nossas vestes, molhadas, como o foram, pela água do mar, nada perderam do frescor e do lustre. Mais parecem tingidas pela água do mar, do que manchadas por ela.

ANTÔNIO

Se ao menos um de seus bolsos pudesse falar, tachá-lo-ia de mentiroso.

SEBASTIÃO

A menos que embolsasse com habilidade os seus dizeres.

GONZALO

Tenho a impressão de que nossas vestes estão agora tão frescas como quando as pusemos pela primeira vez na África, no casamento de Claribel, a bela filha do rei, com o Príncipe de Túnis.

SEBASTIÃO

Foi um belo casamento, tendo sido nós, ao retorno, muito bem sucedidos.

ADRIANO

Nunca Túnis tivera a graça de possuir uma rainha tão incomparável.

GONZALO

É certo; desde o tempo da viúva Dido.

ANTÔNIO

Viúva, como? A peste que a carregue! Por que essa viúva, agora?
Ora, a viúva Dido!

SEBASTIÃO

E se ele tivesse dito também: o viúvo Enéias? Como interpretais as coisas?

ADRIANO

“A viúva Dido”; não foi o que dissestes? Levastes-me a refletir sobre o caso; ela não era de Túnis, mas de Cartago.

GONZALO

Essa Túnis, senhor, era Cartago.

ADRIANO

Cartago?

GONZALO

Posso assegurar-vos: Cartago.

ANTÔNIO

Sua palavra pesa mais do que a harpa miraculosa.

SEBASTIÃO

Não levantou apenas muralhas, mas também casas.

ANTÔNIO

Qual será o próximo impossível que ele vai deixar fácil?

SEBASTIÃO

Sou de pensar que ele acabará levando a ilha no bolso, para casa, a fim de dá-la para o filho, como uma maçã.

ANTÔNIO

Cujas sementes ele semeará no mar, para que nasçam mais ilhas.

ALONSO

Como?

ANTÔNIO

Sim, no tempo certo.

GONZALO (*a Alonso*)

Estávamos dizendo, senhor, que nossas vestes parecem agora tão frescas como quando nos encontrávamos em Túnis, no casamento de vossa filha, hoje rainha.

ANTÔNIO

A mais completa rainha que já foi ter àquelas plagas.

SEBASTIÃO

Com licença: se excetuarmos a viúva Dido.

ANTÔNIO

Oh! a viúva Dido! Sim, a viúva Dido.

GONZALO

Meu gibão, senhor, não está tão fresco como no primeiro dia em que o vesti? Quero dizer, de certo modo.

ANTÔNIO

Um modo muito bem pescado.

GONZALO

Quando o vesti no casamento de vossa filha...

ALONSO

Entupis-me os ouvidos com palavras que de todo me são insuportáveis. Antes em tal lugar nunca eu tivesse casado minha filha, pois, à volta, perdi meu filho, como também a ela, porque da Itália estando tão distante, jamais a reverei. Ó, meu herdeiro de Milão e de Nápoles, que estranho peixe terá de ti feito alimento?

FRANCISCO

Senhor, provavelmente ainda está vivo. Vi-o por cima das ondas, a batê-las, as cristas cavalgando-lhes. Das águas a cólera afastava, a avançar sempre, e opondo o peito à tímida corrente; mantinha a ousada frente sempre acima das ondas contenciosas e remava com os braços fortes mui galhardamente, em direção à praia, que, inclinada sobre a base batida pelo oceano, parecia, abaixando-se, ajudá-lo. Tenho quase certeza de que pôde salvo alcançar a praia.

ALONSO

Não; morreu.

SEBASTIÃO

A vós, senhor, é que deveis dar graças por semelhante perda. Não quisestes à nossa Europa conceder a graça de possuir vossa filha, preferindo vir a perdê-la para um africano, onde banida a tendes, para sempre, dos olhos que com causa ora a pranteiam.

ALONSO

Paz, por obséquio.

SEBASTIÃO

Todos nós, de joelhos, instantes, vos pedimos, e ela própria — bela alma! — vacilante se mostrava sobre o prato a pender: o da obediência ou o da aversão. Perdemos vosso filho, receio-o, para sempre. Mais viúvas ganhou Milão e Nápoles com isso do que homens poderíamos levar-lhes para consolo delas, e foi tudo, tudo por vossa culpa.

ALONSO

A maior perda também me coube em sorte.

GONZALO

Sebastião, essas verdades são inoportunas e indelicadas; arranhais a úlcera, em vez de pôr-lhe emplastro.

SEBASTIÃO

Muito bem.

ANTÔNIO

E cirurgicamente doutrinado.

GONZALO

Para nós todos, meu senhor, o tempo fica ruim, quando ficais nublado.

SEBASTIÃO

Muito ruim?

ANTÔNIO

Horrível.

GONZALO

Se eu tivesse nesta ilha, meu senhor, uma lavoura...

ANTÔNIO

Urtiga plantaria.

SEBASTIÃO

Ou malva e grama.

GONZALO

E eu, que faria, se rei dela fosse?

SEBASTIÃO

Não vos embriagaríeis, por não terdes vinho para beber.

GONZALO

Não; na república faria tudo pelos seus contrários, pois não admitiria espécie alguma de comércio; de magistrados, nada, nem mesmo o nome; o estudo ficaria ignorado de todo; suprimiria, de vez, ricos e pobres e os serviços; contratos, sucessões, questões de terra, demarcações, cuidados da lavoura, plantação de vinhedos, nada, nada. Nenhum uso, também, de óleo e de vinho, trigo e metal. Ocupação, nenhuma. Todos os homens, ociosos, todos. E as

mulheres, também; mas inocentes e puras. Faltaria, de igual modo, soberania...

SEBASTIÃO

Mas o rei era ele.

ANTÔNIO

Da república o fim esquece o início.

GONZALO

Todas as coisas em comum seriam, sem suor nem esforço, produzidas pela natureza. Espadas, espingardas, facas, chuços, traições e felonias, eu não admitiria. A natureza produziria tudo por si mesma, só para alimentar meu povo ingênuo.

SEBASTIÃO

E casamentos, haveria entre eles?

ANTÔNIO

Não, meu caro senhor; vadios todos: vilãos e prostitutas.

GONZALO

De tal modo governaria, que deitara sombra à própria idade de ouro.

SEBASTIÃO

Deus vos guarde, majestade!

ANTÔNIO

Gonzalo viva! Viva!

GONZALO

E vós, senhor, não me estais ouvindo?

ALONSO

Para, por obséquio; para mim não falaste coisa nenhuma.

GONZALO

Acredito no que diz Vossa Alteza; mas assim fiz, para aproveitar a oportunidade de mostrar a estes cavalheiros que eles são de pulmões tão delicados e sensíveis, que riem por coisa nenhuma.

ANTÔNIO

Estávamos rindo de vós.

GONZALO

De mim, que em matéria de gracejos, sou coisa nenhuma para vós. Assim, continuais a rir de coisa nenhuma.

ANTÔNIO

Que golpe certo!

SEBASTIÃO

Se não bateu de lado.

GONZALO

Sois cavalheiros de humor valente, capazes de levantar de sua esfera a lua, no caso de vir ela a ficar cinco semanas sem se modificar.

(Entra Ariel, invisível, tocando música solene)

SEBASTIÃO

Sim, faríamos isso, para depois irmos caçar morcegos com archotes.

ANTÔNIO

Não vos agasteis, meu caro senhor.

GONZALO

Tranquilizai-vos; não vou perder o senso assim com tanta facilidade. Sinto os olhos pesados; quereis rir, vendo-me dormir?

ANTÔNIO

Dormi e escutai-nos.

(Todos adormecem, com exceção de Alonso, Sebastião e Antônio)

ALONSO

Como assim! Já dormiram? Tão depressa? Quem me dera que os olhos, a um só tempo, se me fechassem e estes pensamentos! Mas parece que estão propensos a isso.

SEBASTIÃO

Não recuseis sua pesada oferta; mui raramente ele visita a mágoa, mas, quando o faz, é de real consolo.

ANTÔNIO

Nós dois, caro senhor, vos guardaremos. Velaremos, enquanto repousardes, por vossa segurança.

ALONSO

Agradecido. Cansaço extraordinário! *(Adormece. Ariel sai)*

SEBASTIÃO

Que curiosa fadiga se apossou de todos eles!

ANTÔNIO

Sem dúvida é do clima.

SEBASTIÃO

E nossas pálpebras, por que não baixa o clima? Não me sinto sonolento.

ANTÔNIO

Nem eu, tampouco. Tenho despertos os espíritos. Caíram todos a um tempo, como por vontade. Parecem sucumbidos por um raio. Meu digno Sebastião, que poderíamos... Sim, que nos fora... Não; sobrestejamos nisso por ora. No entretanto, leio-te no rosto tudo o que podias ser. É a ocasião que te chama. A minha vívida fantasia percebe uma coroa que te baixa à cabeça.

SEBASTIÃO

Estás desperto?

ANTÔNIO

Não ouves minha voz?

SEBASTIÃO

Ouço. Contudo, é uma linguagem sonolenta. Falas do fundo de teu sono. Que disseste? Repouso extraordinário, esse; com os olhos abertos, e a dormir; de pé, falando, movendo-te, e a dormir pesadamente.

ANTÔNIO

Meu nobre Sebastião, deixas a tua adormecer, morrer de todo, piscar, enquanto ficas acordado.

SEBASTIÃO

Roncas distintamente. Há algum sentido nesse teu ronco.

ANTÔNIO

Estou falando sério, mais do que de costume, o que devíeis fazer também, porque me compreendêsseis. Assim, tua valia triplicara.

SEBASTIÃO

Sou uma água parada.

ANTÔNIO

Vou mostrar-vos como ela há de correr.

SEBASTIÃO

Fazei-o; minha preguiça hereditária me encoraja mais a refluir.

ANTÔNIO

Oh! Se soubésseis quanto dais força à ideia assim zombando dela! Quanto, torcendo aos termos o sentido, os deixais ajustados a vós mesmo! E certo, quem reflui, por vezes chega quase a tocar o fundo, seja a causa disso o medo ou a preguiça.

SEBASTIÃO

Fala logo. O rosto e os olhos te anunciam algo cujo parto te custa muitas dores.

ANTÔNIO

Então, senhor, ouvi. Conquanto aquele nobre ali, de memórias um tanto fraca e que mais fraca há de ficar, depois que ele baixar à terra, tenha quase persuadido o monarca — pois é o espírito da persuasão, sem que outra coisa faça, a não ser isso mesmo — que seu filho ainda está vivo... Tão absurdo é que este não se tenha afogado como a esse homem que ali dorme nadar.

SEBASTIÃO

Não tenho a mínima esperança de que ele haja escapado.

ANTÔNIO

Oh! Como dessa mínima esperança vos nasce uma esperança muito grande! Não ter sobre isto a mínima esperança, é ter sobre outra coisa uma tão grande, que a própria vista da ambição não pode devassar-lhe os arcanos, duvidando de quanto ali descobre. Concedeis-me que Ferdinando pereceu?

SEBASTIÃO

Concedo.

ANTÔNIO

Podeis dizer-me, então, quem seja o herdeiro mais próximo do trono?

SEBASTIÃO

Claribel.

ANTÔNIO

A Rainha de Túnis, que demora dez léguas para além da vida humana, que notícias não pode ter de Nápoles, salvo se o sol servisse de correio — fora lerdo demais o homem da lua — antes de um queixo recém-nado achar-se no ponto de barbear-se? Ela, por

causa de quem fomos tragados pelas ondas, embora alguns se vissem vomitados por elas outra vez, para que parte tomar pudessem numa grande peça em que o passado é prólogo e o futuro depende só de nós?

SEBASTIÃO

Que trapalhada! Como dissestes? É verdade: a filha de meu irmão rainha ora é de Túnis; herdeira ela é de Nápoles, havendo algum espaço entre esses dois países.

ANTÔNIO

Sim, mas espaço em que todos os cúbitos nos parecem gritar: “De que maneira há de a volta medir-nos para Nápoles essa tal Claribel? Que fique em Túnis, e acorde Sebastião!” Ora, admitamos que a morte fosse que a estes dominasse neste momento. Não se encontrariam em pior situação. Vive quem pode Nápoles governar tão bem como esse que dorme ali estendido, como há nobres tão faladores como esse Gonzalo, desnecessariamente tagarela. Eu, também, se o quisesse, poderia papaguear como ele. Oh, se tivésseis meu modo de pensar! Como este sono em vossa promoção vos ajudara! Compreendeis-me?

SEBASTIÃO

Parece que compreendo.

ANTÔNIO

E como aplaudireis a vossa dita?

SEBASTIÃO

Lembro-me agora que já destronastes vosso irmão Próspero.

ANTÔNIO

É verdade. Vede como estas vestes me vão bem no corpo; muito melhor do que antes. Os vassallos de meu irmão, meus companheiros eram; hoje são meus criados.

SEBASTIÃO

Quanto à vossa consciência...

ANTÔNIO

Ora, senhor! Onde é que há isso? Se fosse uma friteira, obrigar-me-ia a calçar as chinelas; mas no peito não sinto essa deidade. Se coubessem entre mim e Milão vinte consciências poderiam gelar e derreter-se, sem que me molestassem. Ali se acha vosso irmão. Em verdade, não valera mais do que a terra sobre que repousa, se fosse o que parece ser: defunto, sendo que eu poderia facilmente, com este aço obediente — usando apenas três polegadas dele — para sempre deixá-lo preso ao leito. De igual modo faríeis vós, lançando num silêncio que nunca acabe aquele velho traste, o tal senhor Conselho, que, desta arte, não nos censuraria. Quanto aos outros, aceitam sugestões tão facilmente como os gatinhos, leite. Estão dispostos a fazer soar as horas quantas vezes lhes dissermos que é tempo.

SEBASTIÃO

Caro amigo, teu caso é o meu fanal. Do mesmo modo que obtiveste Milão, hei de obter Nápoles. Saca da espada; um golpe vai livrar-te de um tributo, enquanto eu, teu soberano, te votarei afeto.

ANTÔNIO

Saquemos juntos; ao levantar a mão, fazei o mesmo para atacar Gonzalo.

SEBASTIÃO

Uma palavra!

(Conversam à parte. Música. Toma a entrar Ariel, invisível)

ARIEL

Meu mestre, graças à sua parte, soube do perigo em que está seu grande amigo. Por isso me mandou — que, do contrário, lhe falharia o plano — porque a vida te conservasse nesta conjuntura. *(Canta ao ouvido de Gonzalo)*

Enquanto dormes tranquilo,
a traição, como do estilo,

está desperta.
Se ainda tens amor à vida,
põe fim à sesta comprida.
Alerta! Alerta!

ANTÔNIO
Então, sejamos rápidos.

GONZALO
Agora, bons anjos, amparai o rei.

(Despertam)

ALONSO
Que é isso? Que é isso? Despertai! Por que arrancastes das espadas?
Por que esse olhar de fantasma?

GONZALO
Que aconteceu?

SEBASTIÃO
Enquanto nós estávamos a vos vigiar o sono, cuidadosos, um ruído
cavo ouvimos, qual rugido de touros ou de leões. Não acordastes?
Para mim era um ruído insuportável.

ALONSO
Não ouvi nada disso.

ANTÔNIO
Oh! Um estrondo de apavorar o ouvido até de um monstro, de
produzir um terremoto. Certo, era o rugir de leões em grandes
bandos.

ALONSO
Gonzalo, ouvistes algo?

GONZALO

Por minha honra, senhor, ouvi apenas um sussurro muito estranho, realmente, que, de pronto, me fez ficar desperto. Sacudi-vos, senhor, e vos chamei. Foi quando os olhos abri, vendo as espadas assim nuas. Houve barulho, é certo; é mais prudente de guarda nós ficarmos, ou mudarmos de lugar. Arranquemos as espadas.

ALONSO

Saiamos logo, para procurarmos meu pobre filho.

GONZALO

Possa o céu guardá-lo dessas feras terríveis, pois é certo encontrar-se nesta ilha.

ALONSO

Vamos logo. (*Sai com os outros*)

ARIEL

O que o mestre mandou, cumpri com brilho. Parte, rei, à procura de teu filho. (*Sai*)

CENA II

Outra parte da ilha. Entra Calibã, com uma carga de lenha. Ouve-se ruído de trovão.

CALIBÃ

Que quantas infecções o sol aspira dos atoleiros, dos pauis e charcos, sobre Próspero caiam, morte lenta fazendo-o padecer. Necessidade tenho de amaldiçoá-lo, muito embora seus espíritos me ouçam. É verdade que eles só me beliscam, me amedrontam com visagem de duendes, só me atiram nos lodaçais, ou do caminho certo, no escuro, me desviam, sob a forma de tições movediços, quando Próspero os manda assim fazer. Mas por coisinhas de nada sobre mim eles se atiram, às vezes como monos careteiros, que os dentes batem e depois me mordem; sob a forma de porco-espinho, às vezes, que suas pontas eriçam, machucando-me demais os pés desnudos. Outras vezes, fico todo envolvido por serpentes que me sibilam com

suas línguas bífidas, de me deixarem louco. (*Entra Trínculo*)
Justamente! Eis um de seus espíritos. Só veio para me atormentar,
por eu ser tardo no transporte da lenha. Vou deitar-me rente ao
chão; pode ser que não me veja.

TRÍNCULO

Por aqui não há nem bosques, nem arbustos, para a gente se
resguardar do tempo, e já se anuncia nova tempestade. Já ouço
assobiar o vento. Aquela nuvem escura lá embaixo, aquela grande
ali, parece-se com um alforje sujo, que esteja prestes a derramar o
seu conteúdo. Se trovejar como da outra vez, não sei onde esconder
a cabeça. Aquela nuvem não poderá deixar de despejar-se aos
baldes. — Olá! Que temos aqui? É homem ou peixe? Está vivo ou
morto? É peixe; o cheiro é de peixe, esse velho cheiro de ranço, que
lembra muito a peixe, no jeito de bacalhau meio passado. Mas, que
peixe esquisito! Se eu estivesse agora na Inglaterra — como já me
aconteceu de outra feita — e fosse dono deste peixe pelo menos em
pintura, não haveria tolo de feira que não pagasse uma moeda de
prata para vê-lo. Este monstro me deixaria homem. Naquela terra
não há animal estranho que não faça homens. Não dão um ceutil
para auxiliar um aleijado, mas darão dez para ver um índio morto.
As pernas são como as de gente; as barbatanas parecem braços... E
está quente, por minha fé! Abandono minha primeira ideia; não é
peixe, mas um insulano que a trovoada derrubou. (*Trovões*) Ai de
mim! Recomeça a tempestade. O melhor que tenho a fazer é ficar
debaixo do manto dele; em toda a redondeza não há outro abrigo. A
necessidade nos faz habituar com estranhos companheiros de leito.
Vou esconder-me aqui, até que passe a borra da tempestade.

(*Entra Estéfano, cantando, com uma garrafa na mão*)

ESTÉFANO

Jamais ao mar voltarei. Desejo morrer na praia... Essa melodia é
muito lúgubre para o enterro de uma pessoa. Muito bem. Aqui está
o meu consolo. (*Bebe*) O comandante, o contramestre e eu, e o
grumete também, gostávamos do Meg, Isabel e Iseu; mas de Kate,
ninguém, porque nos espachava com risota: “Vai te enforcar,

idiota!” Não gostava de piche e de alcatrão; mas o alfaiate nela punha a mão. Ao mar, rapazes! Ela que se enforque! Essa também é tétrica; mas aqui tenho o consolo. (*Bebe*)

CALIBÃ

Não me atormentem, oh!

ESTÉFANO

Que será isso? Teremos demônios por aqui? Pregai-nos peças, fantasiando-vos de selvagens e homens da Índia? Ah! Não escapei de morrer afogado, para ter medo desses quatro pés. É dito conhecido: não há homem de quatro pés que me faça ceder terreno; o que poderá ser repetido enquanto Estéfano respirar pelo nariz.

CALIBÃ

O espírito me atormenta, oh!

ESTÉFANO

Deve ser um monstro da ilha, com quatro pernas, que provavelmente apanhou febre. Mas onde diabo terá ele aprendido nossa linguagem? Que não seja por mais nada, vou dar-lhe algum fortificante. Se o deixar bom e puder domesticá-lo e levá-lo comigo para Nápoles, será presente para qualquer imperador que ande sobre couro de boi.

CALIBÃ

Por favor, não me atormentes mais; levo já a lenha para casa.

ESTÉFANO

Está com acesso agora, não havendo muito senso no que fala. Vou dar-lhe a prova da minha garrafa. Se ele nunca bebeu vinho, há muita probabilidade de livrar-se da febre. Se o deixar bom e o domesticar, não terá sido muito grande o desembolso; quem ficar com ele, pagará com sobra.

CALIBÃ

Por enquanto, não me atormentas muito; mas dentro de pouco irás fazê-lo, vejo-o pelo teu tremor. Neste momento Próspero está influenciando sobre ti.

ESTÉFANO

Criai ânimo! Abri a boca. Isto, gato, vos fará soltar a língua. Abri a boca; isto vos sacudirá o próprio tremor, é o que vos digo à maravilha. (*Dá de beber a Calibã*) Ninguém sabe onde tem um amigo. Abri novamente a mandíbula.

TRÍNCULO

Parece-me que conheço essa voz. Deve ser de... Não, pereceu afogado; estes aqui são demônios. Oh! Defendei-me!

ESTÉFANO

Quatro pernas e duas vozes; é um monstro primoroso. Com voz da frente, fala bem dos amigos; com a de trás calúnia e pronuncia discursos horrorosos. Se bastar todo o vinho de minha garrafa, hei de curar-lhe a febre. Vamos. Amém. Vou pôr também um pouco naquela outra boca.

TRÍNCULO

Estéfano!

ESTÉFANO

A tua outra boca me chamou pelo nome? Piedade! Piedade! Não é monstra, é demônio. Vou deixá-lo; não tenho comigo uma colher grande.

TRÍNCULO

Estéfano! Se fores Estéfano, toca-me e fala-me, porque sou Trínculo. Não tenhas medo; sou o teu bom amigo Trínculo.

ESTÉFANO

Se fores Trínculo, vem para cá. Vou puxar-te pelas pernas mais curtas. Se aqui há pernas de Trínculo, têm de ser forçosamente estas.

És Trínculo, em verdade! Mas como é que ficaste sendo o excremento deste bezerro da lua? Será que ele expele Trínculos?

TRÍNCULO

Pensei que ele houvesse sido vítima de raio. Mas não morreste afogado, Estéfano? Tenho esperança, agora, de que não tivesses morrido, realmente. Já passou a tempestade? De medo da tempestade, escondi-me debaixo da capa do bezerro da lua. E tu, Estéfano, estás vivo? Oh, Estéfano! Dois napolitanos salvos!

ESTÉFANO

Por favor, não me vires desse jeito; não tenho o estômago muito firme.

CALIBÃ (*à parte*)

Se são espíritos, são coisa fina. Aquele é um deus valente, que me pode dar licor celestial; vou ajoelhar-me.

ESTÉFANO

Como escapaste? Como chegaste até aqui? Jura-me por esta garrafa como conseguiste escapar. Eu me salvei em cima de uma barrica de xerez que os marinheiros atiraram ao mar. Juro por esta garrafa que eu fiz de uma casca de árvore com minhas próprias mãos, depois que fui lançado à praia.

CALIBÃ

Quero jurar por essa garrafa que ficarei sendo teu vassalo fiel, porque esse licor não é terreno.

ESTÉFANO

Aqui! E agora jura-me: como conseguiste escapar?

TRÍNCULO

Nadando para a praia, homem, como um pato. Nado como um pato, posso jurá-lo.

ESTÉFANO

Aqui, beija o livro. (*Dá a Trínculo a garrafa*) Podes nadar como um pato, mas foste feito como um ganso.

TRÍNCULO

Ó Estéfano, ainda há mais?

ESTÉFANO

Uma barrica inteira, homem. Minha adega fica num rochedo perto do mar. Foi lá que eu escondi o vinho. Então, bezerro da lua, como vai a febre?

CALIBÃ

Não caíste do céu?

ESTÉFANO

Caí da lua, posso asseverar-te. Já houve tempo em que eu era o homem da lua.

CALIBÃ

Eu já te vi dentro dela e me prostrei diante de ti. Minha ama me mostrava onde tu estavas, teu cão e o feixe de lenha.

ESTÉFANO

Vamos; jura por isto; beija o livro! Dentro de pouco tornarei a enchê-lo. Jura!

TRÍNCULO

Por esta boa luz, esse monstro é bem simplório. E eu tive medo dele! Muito fraco, em verdade, o tal monstro. Ora, o homem da lua! Que monstro ingênuo! Bonito trago, monstro, por minha fé!

CALIBÃ

Todas as plegadas vou mostrar-te. De terra fértil da ilha. Os pés te beijo. Sê meu deus, por favor.

TRÍNCULO

Por esta luz, é um monstro borracho e muito pérfido. Quando o deus dele estiver dormindo, ele lhe roubará a garrafa.

CALIBÃ

Beijo-te os pés e quero vassalagem permanente jurar-te.

ESTÉFANO

Então vem; ajoelha-te e jura.

TRÍNCULO

Hei de rir até morrer, à custa deste monstro de cabeça de cachorro. Não pode haver monstro mais indecente do que este. Tenho gana de dar-lhe uma boa coça.

ESTÉFANO

Vamos, beija.

TRÍNCULO

Como está bêbado o pobre monstro! Que monstro abominável!

CALIBÃ

Hei de mostrar-te as fontes mais saudáveis; pescarei para ti, colherei bagas, trarei lenha bastante. Possa a peste carregar o tirano a que estou preso. Já não lhe levarei feixes de lenha; sim, vou seguir-te, ó homem prodigioso!

TRÍNCULO

E um monstro excessivamente ridículo; fazer de um pobre bêbado um prodígio!

CALIBÃ

Permite que te traga maçãs bravas; com minhas unhas grandes vou tirar-te da terra belas túbaras; um ninho de galo vou mostrar-te e o meio fácil de armar ciladas para os macaquinhos. Irei contigo aos bosques de aveliras e algumas vezes te trarei das rochas filhotes de gaviotas. Vamos? Vamos?

ESTÉFANO

Só quero agora que me indiques o caminho, sem maior palavreado.
— Trínculo, uma vez que o rei e todos os da nossa companhia
pereceram afogados, tomaremos posse disto. — Aqui! Leva a
garrafa! — Amigo Trínculo, daqui a pouquinho tornaremos a enchê-
la.

CALIBÃ

Adeus, mestre! Adeus! Adeus! (*Canta, embriagado*)

TRÍNCULO

Um monstro que uiva; um monstro que se embriaga!

CALIBÃ

Já não farei barragem para peixe, nem fogo irei buscar, quando ele
me mandar. Não lavo prato nem carrego feixe. Bã, bã, bã, Calibã!
outro mestre amanhã! Liberdade! Viva! Liberdade! Liberdade!

ESTÉFANO

Vá bravo monstro! Vamos; mostra-nos o caminho.

(*Saem*)

ATO III

CENA I

Diante da cela de Próspero. Entra Ferdinando, carregando um feixe de lenha.

FERDINANDO

Há jogos fatigantes, mas aumenta-lhes a fadiga a atração. Muitos
serviços de baixa qualidade são levados a cabo com nobreza, e
assuntos mínimos a ricos fins podem levar por vezes. Esta tarefa
humilde poderia ser-me tão repugnante quanto odiosa; mas a dama

a que sirvo anima os mortos e em prazer me transforma estas canseiras. Dez vezes mais gentil ela se mostra do que o pai intratável, todo feito de aspereza e rigor. Em obediência à sua imposição, preciso agora carregar e empilhar alguns milheiros destas achas de lenha. Minha doce senhora sofre, quando me contempla neste áspero trabalho, e diz que nunca imposta foi tarefa assim tão baixa a um tal trabalhador. Sou esquecido; mas estes pensamentos agradáveis as forças me estimulam; quanto menos penso na situação, mais produtiva se me torna a tarefa.

(Entra Miranda; Próspero a segue a certa distância)

MIRANDA

Oh! Por obséquio, não trabalheis assim! Antes o raio queimasse toda a lenha que obrigado sois a empilhar. Quando ela for queimada, há de chorar por vos haver cansado. Agarrado meu pai está com os livros. Descansai, por favor. Nestas três horas ele não aparece.

FERDINANDO

Ó, mui prezada senhora, baixará o sol no ocaso, sem que eu possa concluir minha tarefa.

MIRANDA

Se vos quiserdes assentar, um pouco carregarei as achas. Por obséquio, dai-me essa; eu mesma a deporei na pilha.

FERDINANDO

Não, preciosa criatura; preferira quebrar o dorso, arrebentar os nervos, a vos ver degradada num serviço tão humilhante, enquanto eu fico ocioso.

MIRANDA

É tão digno de mim esse trabalho quanto de vós, sobre me ser possível executá-lo muito mais depressa, porque não me repugna, como vejo que acontece convosco.

PRÓSPERO *(à parte)*

Pobre criança; já estás tocada; esta visita o prova.

MIRANDA

Pareceis fatigado.

FERDINANDO

Não, mui nobre senhora; para mim faz manhã fresca, na noite em que de vós estiver perto. Dizei-me, por obséquio, vosso nome; só desejo incluí-lo, de ora em diante, nas minhas orações.

MIRANDA

Ó pai! Revelei-o, de encontro ao que ordenastes.

FERDINANDO

Admirável Miranda! Sim, remate de toda perfeição, digna de quanto no mundo há de mais raro. A numerosas damas já dirigi olhares ternos, por vezes tendo-me ficado presos os atentos ouvidos na harmonia de seu doce falar. Dotes variados me fizeram gostar de outras mulheres, sem, contudo, empenhar nisso a alma toda, porque sempre se opunha algum defeito às suas qualidades mais sublimes, para o valor manchar-lhes. Vós, no entanto, ah! tão perfeita e incomparável, fostes feita de tudo o que de mais custoso pode haver na criação.

MIRANDA

Não me recordo de ninguém do meu sexo, nem vi nunca feições de outra mulher, tirante as minhas, quando ao espelho estou. Do mesmo modo, jamais tive ante os olhos, dentre os seres a que eu podia dar o nome de homem, senão vós, caro amigo, e meu bom pai. Como a gente é lá fora, desconheço. Mas por minha pureza — a joia rara de meu dote de noiva — não quisera ter outro companheiro em todo o mundo senão vós tão-somente, nem comigo criar na imaginação outra pessoa a que eu pudesse amar. Mas falo muito, vejo-o agora, olvidada inteiramente das recomendações de meu bom pai.

FERDINANDO

Por posição, Miranda, eu sou um príncipe, ou, porventura, rei — antes não o fosse! — a quem fora tampouco suportável este serviço vil de carrear lenha como sentir nos lábios uma mosca. Minha alma é que vos vai falar agora: no mesmo instante em que vos vi, voou-me do peito o coração, para servir-vos, razão de eu me ter feito vosso escravo. Por vossa causa, apenas, transformei-me num paciente lenhador.

MIRANDA

Amais-me?

FERDINANDO

Ó céu! Ó terra! Sede testemunhas do que ora vou dizer, e com propício resultado coroi meu juramento, se eu falar a verdade. Sendo eu falso, por desgraças trocai quanto o futuro me reserve de bens. Mais do que a tudo neste mundo eu vos amo, estimo e honro.

MIRANDA

Sou tola por chorar do que me alegra.

PRÓSPERO (*à parte*)

Belo encontro de dois afetos raros. Possa o céu chover graças no que entre ambos neste instante germina.

FERDINANDO

Qual a causa de chorardes?

MIRANDA

De minha desvalia, que não se atreve a oferecer-vos tudo que eu desejara dar e, muito menos, a receber o que me fora morte não chegar a possuir. Mas é criancice tudo isso; quanto mais tenta esconder-se minha afeição, maior se patenteia. Fora, fora, esperteza vergonhosa! Santa inocência, ensina-me a expressar-me! Sou vossa esposa, se me desposardes; caso contrário, morrerei servindo-vos; podeis me recusar por companheira, mas vossa criada poderei ser sempre, quer o queirais, quer não.

FERDINANDO (*ajoelhando-se*)

Minha querida, minha senhora! E eu sempre assim, humilde.

MIRANDA

Meu marido, portanto?

FERDINANDO

Sim, aceita-vos o coração com o mesmo entusiasmo que a escravidão aceita a liberdade. Eis minha mão.

MIRANDA

E a minha aqui; com ela vos dou meu coração. E agora, adeus, por uma meia hora.

FERDINANDO

Oh, por milhares!

(Ferdinando e Miranda saem por lados diferentes)

PRÓSPERO

Tão alegre quanto eles não presumo que possa estar, pois foram surpreendidos por quanto aconteceu; coisa nenhuma me deixa mais alegre. Mas é tempo de voltar a meu livro, pois preciso realizar até à ceia muita coisa de extrema relevância. (*Sai*)

CENA II

Outra parte da ilha. Entra Calibã com uma garrafa, Estéfano e Trínculo.

ESTÉFANO

Não me fales! Quando o barril ficar vazio, beberemos água. Antes disso, nem uma gota. Por isso, criemos coragem e vamos abordá-lo!
— Monstro-criado, bebe à minha saúde.

TRÍNCULO

Monstro-criado! A loucura desta ilha! Dizem que só há cinco habitantes na ilha. Três aqui estão; se os outros dois tiverem o cérebro como nós, o Estado não irá lá muito bem das pernas.

ESTÉFANO

Bebe, monstro-criado, quando eu mandar. Tens os olhos quase enfiados na cabeça.

TRÍNCULO

Onde querias que ele os tivesse? Seria um monstro muito famoso, em verdade, se tivesse os olhos na cauda.

ESTÉFANO

Meu servo-monstro afogou a língua em xerez. Quanto a mim, o mar não poderá afogar-me. Sem tocar pé em terra, posso nadar, de ida e vinda, trinta e cinco léguas. Por esta luz. Monstro, serás o meu tenente, ou o meu porta-bandeira.

TRÍNCULO

Tenente, se quiserdes, pois segurar a bandeira é o que ele não poderá.

ESTÉFANO

Não haveremos de correr, monsieur Monstro.

TRÍNCULO

Nem andar, tampouco; ficareis deitados, como cães, sem dizer palavra.

ESTÉFANO

Bezerro da lua, fala uma vez na vida, se fores um bom bezerro da lua.

CALIBÃ

Como passa tua Honra? Deixa-me lambar a sola de teus sapatos. Não hei de continuar no serviço dele; não é corajoso.

TRÍNCULO

Mentes, monstro ignorante! Encontro-o em condições de esbarrar num oficial de justiça. Vamos, responde, peixe devasso: já houve algum covarde que bebesse tanto xerez como eu bebi hoje? Não queres dizer uma mentira monstruosa, sendo, como és, metade peixe e metade monstro?

CALIBÃ

Vê como ele zomba de mim! Consentes isso, príncipe?

TRÍNCULO

“Príncipe”, foi o que ele disse! Como um monstro assim pode ser tão ingênuo!

CALIBÃ

Vê! Vê! Vai recomeçar! Por favor, mata-o a dentadas.

ESTÉFANO

Trínculo, para com essa língua suja. Se provocares desordem... a primeira árvore! O pobre monstro é meu súdito e não sofrerá nenhuma indignidade.

CALIBÃ

Obrigado, meu nobre lorde. Queres mais uma vez ouvir minha proposta?

ESTÉFANO

Quero, sem dúvida. Ajoelha e repete-a. Eu e Trínculo ficaremos de pé.

(Entra Ariel invisível)

CALIBÃ

Como já te disse, sou servo de um tirano, de um feiticeiro, que por meio de sua astúcia me despojou desta ilha.

ARIEL

Mentes!

CALIBÃ

Tu é que mentes, símio bobo. Por mim, meu valente amo te matava. Não menti nada.

ESTÉFANO

Trínculo, se o interromperdes mais uma vez em sua história, por esta mão, arranco-vos alguns dentes.

TRÍNCULO

Não falei nada.

ESTÉFANO

Então, psiu! Nem mais uma palavra. (*A Calibã*) Continua.

CALIBÃ

Foi por feitiçaria, como disse, que ele ficou com a ilha. Caso tua Honra se dispuser a castigá-lo — pois sei que tens coragem, que é o que falta àquele tipo.

ESTÉFANO

Isso é verdade.

CALIBÃ

Serás o dono da ilha e eu teu criado.

ESTÉFANO

Mas de que modo levaremos a cabo o empreendimento? Podes conduzir-me até ao inimigo?

CALIBÃ

Posso, sim, meu senhor. Hei de entregar-to quando estiver dormindo, onde possível te for meter-lhe na cabeça um prego.

ARIEL

É mentira! Não podes.

CALIBÃ

Bobo sarapintado! Tipo imundo! Suplico à tua Alteza dar-lhe golpes e tomar-lhe a garrafa; ela conosco, ele que beba água do mar, somente, pois não lhe mostrarei as fontes frescas.

ESTÉFANO

Trínculo, não enfrentes outro perigo. Se interromperes mais uma vez o monstro com uma única palavra, por esta mão, mandarei embora a minha misericórdia e te farei virar bacalhau.

TRÍNCULO

Mas que fiz eu? Não fiz nada. Vou mudar de lugar.

ESTÉFANO

Não disseste que o monstro estava mentindo?

ARIEL

Mentes!

ESTÉFANO

Minto, não? Então toma isto. (*Bate em Trínculo*) Se gostares disto, desmente-me mais uma vez.

TRÍNCULO

Eu não te desmenti. Além de transtornado do espírito, ficastes com os ouvidos perturbados? A peste seja de vossa garrafa. Tudo isso é efeito do xerez. Que a peste carregue vosso monstro e o diabo vos arranque os dedos.

CALIBÃ

Ah! Ah! Ah!

ESTÉFANO

Agora, prossegue a tua história. Tu, aí, coloca-te mais longe!

CALIBÃ

Bate-lhe com vontade! Mais um pouco, que eu baterei também.

ESTÉFANO

Mais longe! — Adiante!

CALIBÃ

Ora, como eu te disse, ele tem o hábito de dormir toda tarde. Aí, te fora possível asfixiá-lo, após o teres privado de seus livros; ou, munido de um pau, lhe partirás em dois o crânio; se não, o estriparás com qualquer vara, ou a garganta com faca lhe seccionas. Mas, primeiro, é preciso que te lembres de lhe tomar os livros, pois, sem eles, é um palerma como eu, já não dispondo de espírito nenhum sobre que mande. Todos, como eu, lhe têm ódio entranhado. Basta queimar-lhe os livros. Utensílios valiosos também tem — assim lhes chama — para enfeitar sua futura casa. Mas o que é sobretudo de estimar-se é a beleza da filha, que ele próprio considera sem par. Mulher nenhuma jamais eu vi, tirante Sicorax, minha mãe, e ela mesma. Mas tão longe deixa ela Sicorax como o que é grande ao que é muito pequeno.

ESTÉFANO

Assim bonita?

CALIBÃ

Muito, senhor; há de enfeitar-te o leito, posso jurar-te, e dar-te bela prole.

ESTÉFANO

Monstro, vou matar esse homem. Sua filha e eu seremos rei e rainha. — Viva nossa Graça! — E Trínculo e tu próprio sereis vice-reis. Agrada-te a proposta, Trínculo?

TRÍNCULO

Excelente.

ESTÉFANO

Dá-me a mão. Entristece-me haver-te batido; mas enquanto viveres, guarda uma boa língua na cabeça.

CALIBÃ

É certo ele dormir nesta meia hora. Queres, então, destruí-lo?

ESTÉFANO

Por minha honra.

ARIEL

Vou contar isso para o meu senhor.

CALIBÃ

Transbordo de prazer; deixas-me alegre. Rejubilemos, pois. Cantar não queres o estribilho que há pouco me ensinaste?

ESTÉFANO

Farei o que me pedes, monstro; farei tudo o que me pedires.

Cantemos, Trínculo. (*Canta*)

Zombemos dele, oh oh! Vamos rir dele!

Vamos rir dele, oh oh! Zombemos dele!

O pensamento é livre.

CALIBÃ

Não é essa a melodia.

(*Ariel toca a melodia num tamboril e numa flauta*)

ESTÉFANO

Que significa isso?

TRÍNCULO

É a melodia de nosso estribilho, tocada pelo fantasma de Ninguém.

ESTÉFANO

Se fores um homem, mostra-te sob a tua verdadeira forma; se fores o demônio, assume a que bem te aprouver.

TRÍNCULO

Oh! Que os meus pecados sejam perdoados!

ESTÉFANO

Quem morre, salda as dívidas. Desafio-te! Misericórdia!

CALIBÃ

Estás com medo?

ESTÉFANO

Não, monstro; eu, não.

CALIBÃ

Não tenhas medo; esta ilha é sempre cheia de sons, ruídos e agradáveis árias, que só deleitam, sem causar-nos dano. Muitas vezes estrondam-me aos ouvidos mil instrumentos de possante bulha; outras vezes são vozes, que me fazem dormir de novo, embora despertado tenha de um longo sono. Então, em sonhos presumo ver as nuvens que se afastam, mostrando seus tesouros, como prestes a sobre mim choverem, de tal modo que, ao acordar, choro porque desejo prosseguir a sonhar.

ESTÉFANO

Que reino e tanto me vai ser este! Vou ter música de graça.

CALIBÃ

Uma vez destruído Próspero.

ESTÉFANO

O que se dará dentro de pouco. Não me esqueci da história.

TRÍNCULO

O som está se distanciando; acompanhemo-lo, para depois liquidarmos o nosso negócio.

ESTÉFANO

Monstro, vai na frente, que nós te acompanhamos. Quisera ver esse tamborileiro; tem talento, de fato. Não vens?

TRÍNCULO

Eu também vou Estéfano.

(Saem)

CENA III

Outra parte da ilha. Entram Alonso, Sebastião, Antônio, Gonzalo, Adriano, Francisco e outros.

GONZALO

Oh! Por Nossa Senhora! É-me impossível, senhor, dar mais um passo. Os velhos ossos me doem de rachar. Isso é um perfeito labirinto, ora reto, ora com voltas. Com licença, preciso de descanso.

ALONSO

Não te censuro, velho, porque eu próprio fatigado me sinto de tal modo, que os espíritos tenho obnubilados. Assenta-te e descansa. Neste ponto, deixo toda esperança, recusando-me a ouvir-lhe as vãs lisonjas. Já não vive quem tanto procuramos; afogou-se, rindo-se o mar do nosso afã na terra. Pois que se vá!

ANTÔNIO *(à parte, a Sebastião)*

Alegro-me por vê-lo tão desesperançado. Só por causa de um primeiro malogro, certamente não haveis de abrir mão de vosso intento.

SEBASTIÃO *(à parte, a Antônio)*

Aproveitemos o primeiro ensejo.

ANTÔNIO *(à parte, a Sebastião)*

Que seja à noite, pois estando todos prostrados de fadiga, embora o queiram, não poderão ficar tão vigilantes, como quando dispostos.

SEBASTIÃO (*à parte, a Antônio*)

Bem, à noite.

(Música solene e estranha. No alto, Próspero, invisível. Embaixo entram figuras bizarras, que carregam uma mesa com iguarias; dançam à volta da mesa, saudando gentilmente; depois de convidarem o rei e as demais pessoas para comer, desaparecem)

ALONSO

Que harmonia! Escutai, meus bons amigos.

GONZALO

Que suave e deliciosa melodia!

ALONSO

Ó céus! Dai-nos bons guardas. Que foi isso?

SEBASTIÃO

São fantoches com vida. Agora creio que haja unicórnios, que na Arábia serve uma árvore de trono para a fênix que a reinar lá se encontra neste instante.

ANTÔNIO

Creio nos dois; e tudo o mais que de hábito tem sido posto em dúvida, procure-me; jurarei que é verdade nua e crua. Os viajantes não mentem, muito embora na pátria os tolos os acoimem disso.

GONZALO

Se eu relatasse em Nápoles tudo isto, alguém me acreditara? Se contasse de que jeito são estes insulanos — pois são, sem dúvida, habitantes da ilha — que embora sejam de exterior monstruoso — observai bem! — revelam gentileza muito maior do que o fariam muitos — melhor, ninguém — da geração humana?

PRÓSPERO (*à parte*)

Falastes com acerto, nobre honesto, que muitos do que estão hoje nesta ilha são piores que o diabo.

ALONSO

Ao fim não chego de minha admiração ante estas formas, estes gestos e sons, que, embora do uso da fala carecentes, concretizam uma linguagem muda e eloquentíssima.

PRÓSPERO

Elogio à saída.

FRANCISCO

Eles sumiram por modo muito estranho.

SEBASTIÃO

Pouco importa, uma vez que as viandas nos deixaram, pois fome não nos falta, Sois servidos a provar o que há aqui?

ALONSO

Muito obrigado.

GONZALO

Ora, senhor, não tenhais medo. Quando nós éramos meninos, quem creria, porventura, que houvesse montanhese com barbela de touro na garganta, a pender-lhes do peito como saco balouçante de carne? Ou gente houvesse com a cabeça no peito? Ora, tudo isso nos é presentemente asseverado pelos viajantes sobre os quais apostas correm de um contra cinco.

ALONSO

Vou sentar-me para comer, embora perca a vida. O melhor já passou; todo o restante não vale nada. Mano, nobre duque, vinde, imitai-nos nisso.

(Trovões e relâmpagos. Entra Ariel sob a forma de uma harpia, agita as asas sobre a mesa e faz desaparecer as iguarias por meio de um artifício engenhoso)

ARIEL

Três pecadores sois que ora o Destino — que tem como instrumento o baixo mundo e tudo o que ele encerra — fez nas praias — vomitar pelo mar nunca saciado, justamente nesta ilha que não deve conter seres humanos, por não serdes dignos de conviver com os outros homens. Vou deixar-vos privados da razão. (*Vendo Alonso, Sebastião, etc. sacar das espadas*) É com valor como esse que os humanos se enforcam e se afogam. Loucos todos! Eu e meus companheiros somos servos do Fado. Os elementos de que vossas espadas são compostas, poderiam tão bem ferir os ventos sibilantes, ou matar com pancadas irrisórias as águas que não cessam de reunir-se, como estragar de leve uma penugem, sequer, de minhas asas. Igualmente invulneráveis são meus companheiros. Mas embora pudésseis fazer algo: ora as vossas espadas se tornaram muito pesadas para vossas forças; não as levantaríeis. Mas lembrai-vos — que esta é a minha incumbência neste instante — que vós três o bom Próspero expulsastes de Milão, entregando-o, e sua filha, ao mar que ora vos pune. Foi por esse feito facinoroso que as Potências — que tardar podem, mas jamais esquecem — contra vosso sossego concitaram tantos mares furiosos, tantas praias, sim, todas as criaturas. De teu filho, Alonso, te privaram. Pela minha voz te anunciam destruição morosa, pior do que qualquer modalidade de morte repentina, que vos há de passo a passo seguir por onde fordes. Para vos preservardes dessa cólera — que sobre vós há de cair sem falta nesta ilha desolada — só de auxílio vos será contrição muito sincera e, de ora em diante, uma existência pura.

(Desaparece em meio de trovões. A seguir, ao som de uma música agradável, tornam a entrar as figuras bizarras, que se põem a dançar fazendo momices e contorções e depois carregam a mesa)

PRÓSPERO (*à parte*)

Com muita perfeição tomaste a forma, meu Ariel, de harpia: era graciosa, a um tempo, e ameaçadora. Em teu discurso, não te afastaste em nada do que eu disse. Do mesmo modo, os criados secundários, com muita exatidão e sempre a ponto, de seus papéis saíram. Eficientes estão sendo meus altos sortilégios, achando-se estes meus inimigos presos à sua própria loucura. Todos eles estão

em minhas mãos. Mas vou deixá-los com seus delírios, para ir ver o moço Ferdinando, que morto todos creem, e à minha e sua amada estremecida. (*Desaparece*)

GONZALO

Em nome de quanto há de mais sagrado, por que, senhor, olhais tão fixamente?

ALONSO

É monstruoso! monstruoso! Pareceu-me que as ondas tinham voz e me falavam, que ventos me cantavam e que o próprio trovão — órgão profundo e pavoroso — o nome vinham me dizer de Próspero e com voz grave a morte me anunciavam. É certo, então: leito encontrou meu filho no chão lodoso. Irei, pois, procurá-lo até onde não chegou sonda nenhuma e na lama com ele sepultar-me. (*Sai*)

SEBASTIÃO

Dá-me de cada vez um só demônio, que as legiões vencerei.

ANTÔNIO

Estou contigo.

(*Saem Sebastião e Antônio*)

GONZALO

Aqueles três estão desesperados. Tal qual veneno, cuja ação demora para se patentear, o crime deles só agora os rói por dentro. Assim, concito-vos — por terdes todos juntas mais flexíveis — a ir atrás deles, para os resguardarmos das consequências a que poderia levá-los a loucura.

ADRIANO

Vinde, peço-vos.

(*Saem*)

ATO IV

CENA I

Diante da cela de Próspero. Entram Próspero, Ferdinando e Miranda.

PRÓSPERO

Se vos puni com muita austeridade, farto prêmio os trabalhos vos compensa, pois o fio vos dou de minha vida, de que eu próprio dependo. Novamente nas mãos ta deposito. Todas essas vexações não passavam de experiências a que tua afeição foi submetida. Galhardamente resististe a todas. Ratifico ante o céu meu rico mimo. Ó Ferdinando! Não me julgues fútil por elogiá-la assim, pois vais em breve convencer-te de quanto ela ultrapassa quaisquer louvores, que a coxear se esforçam, mas em vão, por segui-la.

FERDINANDO

Creio nisso, embora o contestasse algum oráculo.

PRÓSPERO

Então recebe minha filha, como presente meu e tua aquisição dignamente alcançada. Mas se acaso o laço virginal lhe desatares antes de haverem sido celebradas, sem omissão, as santas cerimônias e seus ritos sagrados: muito longe de abençoar essa união o céu, deitando sobre ela o grato orvalho, há de o ódio estéril, o desdém de olho mau e a atroz discórdia o leito vos juncar de ervas daninhas de tal modo nojentas, que repulsa por ele sentireis. Acautelai-vos, por isso, e que vos ilumine a lâmpada de Himeneu.

FERDINANDO

Pelo meu desejo ardente de vir a ter, com tal amor, tranquilos dias, vida mui longa e bela prole: as cavernas mais negras, os lugares mais oportunos, os mais poderosos argumentos dos gênios da maldade que em nós próprios habitam, nunca me há de mudar a honra em luxúria, nem deixar-me sem fio o gume desse dia santo.

Antes de tal pensar, ficarão mancos os cavalos de Febo e acorrentada nos abismos a noite.

PRÓSPERO

Bela jura. Senta-te, pois, e fala-lhe; pertence-te. Aqui, Ariel, meu servo diligente!

(Entra Ariel)

ARIEL

Que deseja meu mestre poderoso? Aqui estou.

PRÓSPERO

Muito a ponto realizaste com meus servos menores minhas ordens mais recentes. Preciso novamente de todos vós, para uma peça idêntica. Vai buscar-me os espíritos, depressa, sobre os quais te dei força, e aqui os reúne. Concita-os a moverem-se de pronto, porque desejo apresentar aos olhos deste amoroso e jovem par algumas ilusões de minha arte. Prometi-lhes que o faria, e de mim isso ora esperam.

ARIEL

Neste momento?

PRÓSPERO

Sim, num piscar de olhos.

ARIEL

Sem que digas “Muito bem!” ou me grites “Vai e vem!” Velozes como ninguém aqui estarão sem porém. Amais-me, mestre, também?

PRÓSPERO

De coração, meu delicado Ariel. Antes de eu te chamar não te aproximes.

ARIEL

Muito bem. Compreendi. (*Sai*)

PRÓSPERO

Olha, sê verdadeiro; não afrouxes a rédea dos carinhos; os mais fortes juramentos são palha para o fogo dos sentidos. Procura comedir-te; do contrário, boa noite, juramentos!

FERDINANDO

Senhor, ficai tranquilo; a branca e fria neve da virgindade que ora trago no coração me abate por completo o calor dos sentidos.

PRÓSPERO

Muito bem. — Agora, meu Ariel, volta depressa! Antes de haver espírito de sobra do que faltar-nos um. Sê prestimoso. — E agora, apenas olhos; ninguém fale.

(*Música serena. Mascarada. Entra Íris*)

ÍRIS

Ceres, deusa benéfica, apressada de teus campos te afasta de cevada, de trigo, aveia, ervilha e de centeio, de teus prados virentes, onde, em meio de forragem, rumina o lento gado; dos córregos de margens com bordado de peônias e caniços, em que abril faz nascer, ao teu gesto, flores mil, porque coroas castas as pudicas ninfas possam tecer; das matas ricas de sombra, a que se acolhem namorados do desdém das zagalas já cansados; das vinhas especadas, das ruidosas praias do mar, e, assim, das alterosas montanhas onde ao sol costumam pôr-te... A rainha que no alto tem a corte de quem sou ponte de água e mensageira, te ordena deixar tudo e, mesureira, à sua graça juntar-te soberana, para que aqui, com cortesia lhana, brinques com ela. Seus pavões, de vê-la já se ufanam. Vem, Ceres, recebê-la!

(*Entra Ceres*)

CERES

Mensageira de cores variegadas, que a consorte de leve sempre agradas, que com tuas asas de açafreão às flores deitas orvalho e restituís as cores e com teu arco azul linda coroa nos bosques pões e na sutil lagoa: linda charpa da terra dadivosa, que quer de mim tua rainha airosa? Por que me mandou vir para o gramado?

ÍRIS

Porque um contrato seja celebrado de amor sincero, e para que se apreste voluntário presente.

CERES

Arco celeste, saberás informar-me se com ela estão Vênus e o filho? Desde aquela vez em que, por astúcia, a filha amada me tiraram, em presa cobiçada de Dis a transformando, a escandalosa companhia abjurei da deusa airosa e de seu filho cego.

ÍRIS

A companhia dos dois não te amedronte, que na via de Pafos os encontrei; num carro lindo de pombas ia o filho. Não sorrindo se partiram daqui, porque feitiço libertino tentaram, antes disso, lançar neste casal de namorados que haviam feito votos sublimados de não subirem para o casto leito sem que acendido já tivesse a jeito sua tocha Himeneu. Mas foi em vão; partiu sem realizar sua intenção a acolorada amante de Mavorte. Seu petulante filho, de tal sorte ficou zangado que quebrou as setas, juras fazendo claras e secretas de não lançar nenhum disparo mais, porém, como os peraltas, com os pardais gastar o tempo todo.

CERES

Pelo andar percebo que a alta Juno está a chegar.

(Entra Juno)

JUNO

Como vai indo minha irmã? Comigo vinde abençoar este casal amigo, porque sejam felizes e exalçados nos filhos por nascer.

CANTIGAS

JUNO

Honras, filhos e riquezas,
vida longa sem surpresas,
horas felizes sem conta
Juno agora vos apronta.

CERES

Celeiro sempre repleto,
de tudo, do chão ao teto,
vides ao peso encurvadas,
plantas sempre carregadas;
só vos chegue a primavera
estando a colheita à espera.
Felicidades sem conta
é o que Ceres vos apronta.

FERDINANDO

Nunca vi espetáculo tão belo. Fascinante harmonia! Temerário não serei por demais imaginando que se trate de espíritos?

PRÓSPERO

Espíritos que eu conjurei de seus confins longínquos, por meio de minha arte, para darem corpo às minhas presentes fantasias.

FERDINANDO

Oh! Deixai-me viver sempre aqui mesmo; um pai tão raro e sábio, em paraíso transforma este lugar.

(Juno e Ceres falam baixo e mandam Iris executar uma ordem)

PRÓSPERO

Silêncio, amigo. Juno e Ceres cochicham gravemente. Algo ainda há por fazer. Silêncio agora; caso contrário, ficará quebrada toda nossa magia.

ÍRIS

Náiades ninfas das correntes ledas, de coroas de junco e expressões quedas, saí de vossos leitos e na grama vinde dançar; é Juno que o proclama. Ninfas pudicas, nada vos impeça de exaltar este enlace. Bem depressa. (*Entram algumas ninfas*) Segadores tostados pelo sol, de agosto lassos, à reunião de escol comparecei alegres, e com vossos chapéus de palha de centeio nossos festejos animai, porque hoje é dia feriado. Dando mostras de alegria, vinde todos tirar uma das ninfas que, de pouco, deixaram suas linfas, para dançar na grama.

(Entram alguns segadores, com vestes limpas, e se reúnem às ninfas, em dança graciosa. Quase no fim da dança, Próspero estremece subitamente e fala, com o que todos desaparecem devagar, no meio de um ruído cavo e confuso)

PRÓSPERO (*à parte*)

Por pouco não me esquece a traça infame do animal Calibã e de seus cúmplices, contra a minha existência. Estamos quase no minuto da trama combinada. (*Aos espíritos*) Muito bem; é o bastante; ide-vos todos.

FERDINANDO

Curioso como vosso pai se encontra sob violenta paixão!

MIRANDA

A não ser hoje, nunca o vi externar tão forte cólera.

PRÓSPERO

Pareceis, caro filho, um tanto inquieto, como quem sente medo. Criai ânimo, senhor; nossos festejos terminaram. Como vos preveni, eram espíritos todos esses atores; dissiparam-se no ar, sim, no ar impalpável. E tal como o grosseiro substrato desta vista, as torres que se elevam para as nuvens, os palácios altivos, as igrejas majestosas, o próprio globo imenso, com tudo o que contém, hão de sumir-se, como se deu com essa visão tênue, sem deixarem vestígio. Somos feitos da matéria dos sonhos; nossa vida pequenina é cercada

pelo sono. Reconheço, senhor, que estou irritado. Suportai-me, vos peço; é da fraqueza. Enturva-se-me o cérebro já velho. Não vos amofineis com minha doença. Caso vos for do agrado, entrai na cela, para aí repousardes. Enquanto isso, darei algumas voltas, porque possa tornar-me calmo.

FERDINANDO e MIRANDA
Paz vos desejamos.

(Saem)

PRÓSPERO
Rápido como o pensamento, vem meu Ariel. Agradeço-te.

(Entra Ariel)

ARIEL
Sigo sempre de perto tuas intenções. Que queres?

PRÓSPERO
Precisamos, espírito, estar prontos para que Calibã não nos surpreenda.

ARIEL
É certo, mestre. Quando trouxe Ceres, pensei em te falar; mas tive medo de causar-te desgosto.

PRÓSPERO
Dize-me onde deixaste esses lacaios?

ARIEL
Como disse, senhor, todos estavam vermelhos de bebida e tão valentes, que o próprio ar atacavam pelo ousio de lhes soprar no rosto, o chão calcavam por lhes beijar os pés, e sempre atentos na traça combinada. Nesse instante toquei meu tamboril, ao que eles, logo, como potros selvagens, com as orelhas em pé ficaram, olhos espantados, e as narinas abertas, como o cheiro de música a sentir.

Enfeitiçados lhes deixei os ouvidos de tal forma, que, como bezerrinhos, os mugidos me seguiam por entre os tojos duros, os espinheiros e as mordentes sarças, que nas pernas mui frágeis lhes entravam. Por fim deixei-os no paul coberto de imundícies, atrás de vossa cela, onde até ao queixo se contorcem, para da lama se livrarem pegajosa.

PRÓSPERO

Muito bem, caro pássaro. Conserva-te invisível por mais alguns momentos. Vai a casa e me traze o que encontrares de badulaques; com isso engendraremos armadilha para esses malfeitores.

ARIEL

Vou já! Vou já! (*Sai*)

PRÓSPERO

É um demônio, um demônio de nascença, em cuja natureza jamais pôde atuar a educação. Foram perdidos todos os meus esforços; sim, perdido completamente, sempre, quanto hei feito a ele por amor à humanidade. Seu corpo com a idade fica hediondo e cada vez mais ulcerado o espírito. Atormentá-los vou até que rujam. (*Volta Ariel, carregado de vestimentas brilhantes, etc.*) Vamos, pendura tudo nessa corda.

(Próspero e Ariel se tornam invisíveis. Entram Calibã, Estéfano e Trínculo, inteiramente molhados)

CALIBÃ

Agora, por favor, pisai de leve, porque a toupeira cega não percebe quando nos caem os pés. Estamos perto.

ESTÉFANO

Monstro, vossa fada, que dizíeis ser uma fada sem maldade, procedeu simplesmente conosco como com marotos.

TRÍNCULO

Monstro, estou sentindo o cheiro de urina de cavalo, o que me causa grande indignação ao nariz.

ESTÉFANO

Ao meu também. Estás ouvindo, monstro? Se me causares o menor aborrecimento... Toma cuidado!

TRÍNCULO

Não passarás de um monstro perdido.

CALIBÃ

Concedei-me, meu bom senhor, um pouco mais de vosso favor; sede paciente, que o prêmio prometido vai deixar-vos esquecido de tantos contratempos. Por isso falai baixo; tudo se acha tão sossegado como à meia-noite.

TRÍNCULO

Sim, mas perdemos as garrafas no atoleiro!

ESTÉFANO

O que não constitui para nós, monstro, apenas uma desgraça, mas perda irreparável.

TRÍNCULO

Que eu sinto mais do que toda esta umidade. Isso, monstro, ainda é trabalho de vossa fada sem maldade.

ESTÉFANO

Hei de recuperar a minha garrafa, ainda que me atole até às orelhas.

CALIBÃ

Acalma-te, meu rei. Estás vendo isto? É a boca da caverna. Entra sem bulha e o bom crime comete decidido, que dono te fará desta bela ilha e de mim, Calibã, teu lambe-pé.

ESTÉFANO

Dá-me a mão; já começo a ter pensamentos sanguinários.

TRÍNCULO

Ó Rei Estéfano! Ó par! Ó digno Estéfano, vê que belo guarda-roupa aqui está para ti!

CALIBÃ

Deixa isso, tolo; são bugigangas.

TRÍNCULO

Oh, oh, monstro! Sabemos muito bem o que sejam pacotilhas. Ó Rei Estéfano!

ESTÉFANO

Tira esse manto, Trínculo. Por esta mão, quero esse manto para mim.

TRÍNCULO

Tua Graça o terá.

CALIBÃ

Na hidropsia se afogue este pateta. Que estais pensando, para assim ficardes diante desses andrajos? Deixai isso. Primeiro, a morte dele. Caso acorde, desde os pés à cabeça vai deixar-nos a pele triturada, de nós todos fazendo bela papa.

ESTÉFANO

Fica quieto, monstro! — Senhora linha, este gibão não é o meu? Presentemente o gibão já passou a linha. Agora gibão, vais perder os cabelos e tornar-te gibão careca.

TRÍNCULO

A ele! A ele! Com licença de Vossa Graça, mas sabemos roubar em linha reta.

ESTÉFANO

Muito obrigado pela pilhéria. Fica com esta roupa. Não se dirá que o espírito não é recompensado enquanto eu for rei deste país.

“Roubamos em linha reta!” Muito bem dito, realmente. Toma mais esta peça, como prêmio da frase.

TRÍNCULO

Vem, monstro; passa um pouco de visgo nos dedos e some com o resto da roupa.

CALIBÃ

Não quero nada; perderemos tempo com isso, e nos transformaremos em macacos ou em patos bravos, de testa acanhada e para baixo.

ESTÉFANO

Monstro, espicha os dedos. Ajuda a levar isto para onde está o meu barril de vinho. Caso contrário, expulso-te do meu reino. Mimos, carrega isto.

TRÍNCULO

E isto também.

ESTÉFANO

Sim, e mais isto.

(Ouve-se barulho de caçada. Entram diversos espíritos sob a forma de cães, que se põem a perseguir Estéfano, Trínculo e Calibã. Próspero e Ariel os espicaçam com gritos)

PRÓSPERO

Pega, Montanha! Pega!

ARIEL

Prateado! Por aqui, Prateado!

PRÓSPERO

Aqui, Fúria! Aqui, Sultão! Pega! Pega! *(Calibã, Estéfano e Trínculo saem perseguidos)* Vai, incumbe os meus duendes de torce-lhes com secas convulsões todas as juntas, de com cãibras os nervos repuxar-

lhes, com beliscões deixando-os mais manchados do que os gatos selvagens e as panteras.

ARIEL

Escuta: estão rugindo.

PRÓSPERO

Que sejam perseguidos sem piedade. Meus inimigos, neste instante, se acham de todo ao meu dispor. Dentro de pouco terás o ar à vontade. Alguns momentos, ainda, me acompanha e cumpre tudo que eu te mandar fazer.

(Saem)

ATO V

CENA I

Diante da cela de Próspero. Entram Próspero, com suas vestes mágicas, e Ariel.

PRÓSPERO

Concretizam-se, enfim, meus planos todos; meus feitiços não falham; meus espíritos me obedecem e o tempo segue em linha reta com sua carga. Que horas são?

ARIEL

Seis horas, meu senhor; precisamente a hora em que me dissestes deveriam cessar nossos trabalhos.

PRÓSPERO

Sim, disse isso, quando fiz levantar a tempestade. Mas agora me informa, meu espírito, como está o rei e a sua comitiva.

ARIEL

Fechados todos eles, tal qual como tínheis determinado; justamente como os deixastes, prisioneiros todos no bosque de limeiras que protege, senhor, vossa caverna. Nenhum deles se livrará sem vosso assentimento. O rei, o mano dele e o vosso se acham completamente fora do juízo; os demais os lastimam, transpassados de dor e desespero, salientando-se aquele que chamastes de “O bom velho senhor Gonzalo”. As lágrimas lhe correm pelos fios da barba como gotas do inverno nos caniços. De tal modo vossos encantamentos os trabalham, que, se os vísseis agora, era certeza ficardes comovido.

PRÓSPERO

É assim que pensas, espírito?

ARIEL

Eu, senhor, se fosse humano, decerto ficaria.

PRÓSPERO

Pois o mesmo comigo vai se dar. Sendo ar, apenas, como és, revelas tanto sentimento por suas aflições; e eu, que me incluo entre os de sua espécie, e as dores sinto, como os prazeres, tão profundamente tal como qualquer deles, não podia mostrar-me agora menos abalado. Muito embora seus crimes me tivessem tocado tão de perto, em meu auxílio chamo a nobre razão, para sofreamos de todo minha cólera. É mais nobre o perdão que a vingança. Estando todos arrependidos, não se estende o impulso do meu intento nem sequer a um simples franzir do sobrecenho. Vai, liberta-os, meu Ariel. Vou romper o encantamento, a razão restituir-lhes e fazê-los voltar a ser o que eram.

ARIEL

Vou buscá-los. (*Sai*)

PRÓSPERO

Vós, elfos das colinas e dos córregos, das lagoas tranquilas e dos bosques; e vós que rasto não deixais na areia, quando caçais Netuno nas vazantes, ou dele vos furtais, quando retorna; vós, anõezinhos brincalhões, que círculos, à luz do luar, traçais de ervas amargas,

que as ovelhas recusam; e vós outros que criais por brinquedo os cogumelos noturnos e vos alegrais com o toque solene da manhã; com cujo auxílio — muito embora sejais mestres fraquinhos — fiz apagar-se o sol ao meio-dia, chamei os ventos revoltados, guerra suscitei atroadora entre o mar verde e a abóboda azulada, o ribombante trovão provi de fogo, o tronco altivo do carvalho de Jove abri ao meio, de seu próprio corisco me valendo; abalado deixei os promontórios de fortes alicerces, os pinheiros e cedros arranquei pelas raízes... Ao meu comando, os túmulos faziam despertar os que neles repousavam, e, abrindo-se, deixavam-nos sair, tão forte era minha arte. Mas abjuro, neste momento, da magia negra; uma vez conjurado mais um pouco de música celeste — o que ora faço — para que nos sentidos lhes atue — tal é o poder do encantamento aéreo — quebrarei a varinha; a muitas braças do solo a enterrarei, e em lugar fundo, jamais tocado por nenhuma sonda, afogarei meu livro. (*Música solene. Volta Ariel; Alonso o segue com ademanes frenéticos, acompanhado por Gonzalo; Sebastião e Antônio, no mesmo estado, acompanhado por Adriano e Francisco. Todos entram no círculo feito por Próspero e aí se conservam sob a ação do encantamento. Próspero os contempla e fala*) Que uma canção solene, o mais possante consolador das mentes perturbadas, o cérebro te cure, que no crânio te ferve, agora, inútil. Para aí mesmo, porque imobilizado ora te encontras por meus encantamentos. Impecável Gonzalo, homem honrado: meus olhos, compassivos com a atitude dos teus deixam cair gotas amigas. O encantamento se desfaz aos poucos. Assim como a manhã, roubando a noite, dilui a escuridão, do mesmo modo a despertar começam-lhe os sentidos e a expulsar os vapores ignorantes que a nitente razão lhes revestia. Meu salvador sincero, bom Gonzalo, servidor dedicado de teu amo, hei de pagar-te em casa os benefícios com palavras e obras. Por maneira cruelíssima, Alonso, procedeste comigo e minha filha. Foste nisso levado por teu mano. Esse o motivo, Sebastião, de sofreres tantas dores, e vós aí, meu sangue e minha carne, meu irmão, que à ambição deste acolhida, expulsando o remorso e a natureza — razão de serem muito mais intensas as compunções internas — planejastes assassinar aqui vosso monarca. Embora sejas um desnaturado, recebe o meu perdão. — O entendimento já começa a crescer e a

maré próxima dentro de pouco cobrirá a praia da razão, que ainda está cheia de lama. Nenhum deles me vê nem reconhece. Ariel, vai até à cela e de lá traze minha espada e o chapéu. (*Sai Ariel*) Troco esta roupa e vou ficar como em Milão eu era. Espírito, depressa! Falta pouco para ficares livre. (*Volta Ariel cantando, e ajuda Próspero a vestir-se*)

ARIEL

Como as abelhas volito em busca do mel bendito. Numa corola dormito, quando o bufo solta o grito. Meu cavalinho bonito — um morcego — sempre incito a ter o verão bem fito. Vou viver, vou viver alegremente sob os ramos da selva florescente.

PRÓSPERO

Oh, reconheço o meu gentil Ariel. Vou sentir tua falta... Pouco importa. Ficarás livre. Assim... Assim... Assim... Como és, sem seres visto, vai ao barco do rei, onde acharás os marinheiros a dormir na escotilha. Despertados o comandante e o contramestre, obriga-os a vir para este ponto. Isso, depressa.

ARIEL

Engulo o ar no caminho e aqui retorno antes de o pulso vos bater duas vezes. (*Sai*)

GONZALO

Todas as dores, confusões, espantos, todos os desesperos aqui moram. Algum poder celeste nos retire deste país terrível.

PRÓSPERO

Aqui vedes Próspero, senhor rei, o antigo Duque de Milão. Como prova de que um príncipe vivo contigo fala neste instante, abraço-te e te dou as mais sinceras boas-vindas e a todos de teu séquito.

ALONSO

Se és ele mesmo ou não, ou qualquer mágico fantasma, como os outros que até há pouco de mim zombaram, como decidir-me? Como de carne e sangue tens o pulso, e desde que te vi sinto

acalmar-se-me a inquietação da mente, que a loucura, muito o receio, em mim nascer fizera. Tudo isso — se isso tudo for verdade — tem uma história por demais estranha. Resigno o teu ducado e te conjuro a me perdoar as faltas. Porém como pode estar vivo Próspero e nesta ilha?

PRÓSPERO

Primeiramente, nobre amigo, deixa que te abrace a velhice, pois tua honra não conhece medida nem limites.

GONZALO

Se isto tudo é real ou imaginário, não poderei jurá-lo.

PRÓSPERO

Em vós atuam ainda algumas sutilezas da ilha, que não vos deixam crer na realidade. Bem-vindos sois, amigos. (*À parte, a Sebastião e Antônio*) Se o quisesse, meu par de nobres, eu pudera agora fazer que contra vós se condensasse a cólera do rei, desmascarando-vos como dois vis traidores. Mas não quero neste instante contar coisa nenhuma.

SEBASTIÃO (*à parte*)

O diabo fala pela tua boca.

PRÓSPERO

Não; a vós senhor perverso, a que não posso dar o nome de irmão sem que me suje, a falta mais hedionda vos perdoo... Perdoo todas, mas neste momento reclamo o meu ducado que, por força, tereis de me entregar.

ALONSO

Se fores Próspero, realmente, então revela-nos algumas particularidades sobre o modo como, enfim, te salvaste; dize como nos encontraste aqui, nós que há três horas, apenas, naufragamos nesta praia, onde perdi — como é pungente o acúleo da lembrança! — meu caro Ferdinando.

PRÓSPERO

Sinto muito, senhor.

ALONSO

É irreparável a perda, e diz-me a paciência que ela própria nada consegue neste caso.

PRÓSPERO

Penso, ao contrário, que não procurastes seu auxílio eficiente. Em perda idêntica, por sua doce graça, contemplado me vi com sua ajuda soberana, ficando satisfeito.

ALONSO

Perda idêntica?

PRÓSPERO

Tão grande como a vossa, e tão recente. E para suportá-la não dispunha dos meios de consolo que vos restam, pois perdi minha filha.

ALONSO

Filha? O Céus! Se em Nápoles os dois ora estivessem, como rei e rainha! Para tanto, desejara enterrado ora encontrar-me no leito cenagoso em que meu filho repousa neste instante. Há quanto tempo sofrestes essa perda irreparável?

PRÓSPERO

Na última tempestade. Mas percebo que estes senhores por tal modo se acham estupefatos ante o nosso encontro, que a razão perdem, não acreditando que os olhos usam no seu próprio ofício e que sua faia é natural anélito. Porém, por mais que todos deslocados houvésseis sido dos sentidos, crede como certo que eu sou, de fato, Próspero que de Milão, há tempo, fui expulso e que desembarquei por modo estranho na mesma praia em que ora naufragastes, para ser dono dela. Mas sobre isso, por ora, é quanto basta; é larga história, para contada ser dia por dia, não relação para fazer-se à mesa e muito menos ao primeiro encontro. Sois bem-vindo, senhor.

É nesta ceia que tenho minha corte; nela poucas pessoas me acompanham, sem que súdito nenhum tenha aqui fora. Examinai-a, por obséquio. Uma vez que o meu ducado me restituístes, vou recompensar-vos com um presente precioso. Pelo menos vou fazer um milagre que vos há de tão contente deixar como exultante fiquei com meu ducado.

(Abre-se a porta da cela, deixando ver Ferdinando e Miranda, que jogam xadrez)

MIRANDA

Estais usando de esperteza, príncipe.

FERDINANDO

Não, querida; por nada neste mundo poderia fazê-lo.

MIRANDA

Sim, por um par de reinos poderíeis alterar, e eu vos juro que chamara a isso jogo correto.

ALONSO

Se tudo isto for outra vez uma ilusão desta ilha, duas vezes perdi meu caro filho.

SEBASTIÃO

Oh Milagre estupendo!

FERDINANDO

Muito embora ameacem sempre, os mares são piedosos. Amaldiçoei-os sem razão para isso. *(Ajoelha-se em frente de Alonso)*

ALONSO

Que te envolvam as bênçãos incontáveis de um venturoso pai. Alçate e dize como aqui vieste ter.

MIRANDA

Oh! Que milagre! Que soberbas criaturas aqui vieram! Como os homens são belos! Admirável mundo novo que tem tais habitantes!

PRÓSPERO

Para ti isso é novo.

ALONSO

Quem é a jovem com quem jogavas? Vossas mais antigas relações não terão mais de três horas. A deusa que nos separou, por que ora de novo nos reunira?

FERDINANDO

É criatura mortal, senhor; mas pela Providência imortal me foi dada. Fiz a escolha, quando o consentimento não podia pedir do meu bom pai, estando certo de que pai já não tinha. Ela é a filha do mui famoso Duque de Milão, de que tanto já ouvira, mas que nunca chegara a contemplar. Recebi dele uma segunda vida, e ora um segundo pai me fez dele esta gentil menina.

ALONSO

Sou todo dela. Mas como me é estranho ter de pedir perdão ao próprio filho!

PRÓSPERO

Parai aí, senhor; não nos dobremos sob o peso do fardo das lembranças do que já se passou.

GONZALO

Derramei lágrimas interiores; se não já me teria manifestado. Ó deuses! Inclinais-vos por uns momentos, e sobre estes jovens fazei descer uma coroa benta, pois fostes vós que a estrada nos traçastes para aqui nos reunirmos neste instante.

ALONSO

Digo amém, bom Gonzalo.

GONZALO

Assim, Milão foi de Milão expulso, porque viessem seus descendentes a ser reis de Nápoles? Oh! Alegrai-vos sobremodo e o fato gravai a ouro em perduráveis lápides. Foi achar Claribel, numa viagem a Túnis, o marido; Ferdinando, seu irmão, uma esposa, onde ele próprio se dava por perdido; o Duque Próspero, o ducado numa ilha tão modesta; e todos nós nos encontramos, quando já não éramos donos de nós mesmos.

ALONSO (*a Ferdinando e Miranda*)

Dai-me as mãos. Que a tristeza e os pesadumes o coração apertem de quem votos não fizer de alegria.

GONZALO

Seja. Amém. (*Volta Ariel com o Comandante e o Contramestre que o seguem com sinais de estupefação*) Olhai, senhor! Olhai! Mais gente nossa. Deu certo a minha profecia: caso forcas houvesse em terra, este sujeito não morreria na água. E ora, blasfemo, que ao mar jogavas a divina Graça, aqui em terra esgotaram-se-te as pragas? Que novidades há?

CONTRAMESTRE

A melhor delas é termos encontrado sãos e salvos o rei e os de seu séquito. A segunda é que nosso navio, que há três horas, somente, acreditávamos perdido, está firme e arvorado, como quando iniciamos a viagem.

ARIEL (*à parte, a Próspero*)

Fiz tudo isso, mestre, neste intervalo.

PRÓSPERO (*à parte, a Ariel*)

Ó meu espírito habilidoso!

ALONSO

Naturais eventos não pode ser tudo isso. A um fato estranho, segue outro ainda maior. Dizei-nos como chegaste até aqui.

CONTRAMESTRE

Caso eu tivesse certeza plena de que estou desperto, tentaria fazer cabal relato. Mortos de sono estávamos, embaixo das escotilhas todos — não sabemos como isso aconteceu — quando, de súbito, desencontrada confusão se eleva de rugidos atroantes e de guinchos, barulho de cadeias arrastadas e outras espécies várias de ruídos, todos horríveis, que nos despertaram. No mesmo instante livres nos achamos e em toda galhardia percebemos nosso real, galante e bravo barco e nosso comandante, embasbacado, que pulava de alegre. De repente — com vossa permissão — como num sonho nos separamos e trazidos fomos para aqui, atordoados.

ARIEL (*à parte, a Próspero*)

Foi bem feito?

PRÓSPERO (*à parte, a Ariel*)

Otimamente, meu zeloso espírito; em breve serás livre.

ALONSO

E o mais estranho labirinto que os homens já pisaram ultrapassa tudo isso a natureza no seu curso normal. Será preciso buscar a explicação nalgum oráculo.

PRÓSPERO

Não aflijais, meu soberano o espírito, procurando explicar com tanto empenho a estranheza do caso. Mais de espaço — o que vai ser em breve — hei de contar-vos com particularidades que vos hão de parecer aceitáveis, tudo quanto se passou por aqui. Nesse entrementes, ficai alegre e pensai bem de tudo. (*À parte, a Ariel*)
Aproxima-te, espírito; liberta Calibã e os demais; desfaze o encanto. (*Sai Ariel*) Meu gracioso senhor como se sente? ainda estão faltando alguns sujeitos esquisitos de vossa companhia, de que não vos lembrais.

(*Volta Ariel empurrando Calibã, Estéfano e Trínculo, com as roupas roubadas*)

ESTÉFANO

Cada um cuide só dos outros, sem se importar consigo mesmo, porque tudo só depende da sorte. Coragem, monstro-raio! Coragem!

TRÍNCULO

Se o que eu trago na cabeça forem espíões de verdade, temos aqui uma aparição admirável.

CALIBÃ

Oh Setebos! Que espíritos notáveis, em verdade! Quão belo está meu amo! Temo que me castigue.

SEBASTIÃO

Ah! Ah! Que coisas ora nos surgem, meu senhor Antônio? Poderemos comprá-las com dinheiro?

ANTÔNIO

Decerto poderemos; uma delas é puro peixe e, sem nenhuma dúvida, vendável no mercado.

PRÓSPERO

Vede apenas, senhores, as roupagens destes homens. Dizei-me agora se eles são honestos. Esse tipo disforme que ali vedes, teve por mãe uma terrível bruxa, e de poder tão grande que até mesmo na lua tinha influência, e provocava marés e baixa-marés, realizando da lua o ofício, sem o poder dela. Esses três indivíduos me roubaram; e aquele meio-diabo — pois é filho bastardo, já se vê — tramou com eles assassinar-me. Dois desses marotos são vossos conhecidos; este bloco de escuridão é minha propriedade.

CALIBÃ

Beliscado serei de ficar morto.

ALONSO

Aquele ali não é acaso, Estéfano, meu despenseiro bêbado?

SEBASTIÃO

Está bêbado; mas como arranjou vinho?

ALONSO

Cambaleante de bêbado está Trínculo. Mas como terão eles achado esse admirável elixir que os deixou tão remoçados? Como vieste a cair nesta salmoura?

TRÍNCULO

De tal maneira eu me meti na salmoura desde a última vez que vos vi, que tenho receio de que nunca mais me saia dos ossos. Agora posso desafiar as picadas dos mosquitos.

SEBASTIÃO

E tu aí, Estéfano! Como vais passando?

ESTÉFANO

Oh! Não me toqueis! Não sou Estéfano, mas pura cãibra.

PRÓSPERO

Querias ser rei da ilha, não, maroto?

ESTÉFANO

Daria um rei bem doentio.

ALONSO (*apontando para Calibã*)

É a coisa mais estranha que eu já vi.

PRÓSPERO

E tão disforme nos costumes como no feitio exterior. Ide, maroto, já para minha cela, acompanhado de vossos dois amigos. Se quiserdes ser perdoado, arrumai-a com bem zelo.

CALIBÃ

É o que farei; e doravante quero mostrar-me mais razoável e obter graça. Mas que asno reforçado eu fui, tomando por um deus este bêbado e inclinando-me diante deste imbecil!

PRÓSPERO

Vai logo. Fora! Ide repor essas quinquilharias no lugar onde estavam.

SEBASTIÃO

De onde foram roubadas, é o mais certo.

(Saem Calibã, Estéfano e Trínculo)

PRÓSPERO

Senhor, convido Vossa Alteza e os vossos a entrar em minha pobre cela, para descansar esta noite, pretendendo parte dela empregar com narrativas de tão grande atração que — não o duvido — depressa passará: a história toda de minha vida e, assim, os acidentes por que passei até chegar a esta ilha. Logo pela manhã hei de levar-vos ao vosso barco e, logo após, a Nápoles, onde espero assistir ao matrimônio destes dois entes que nos são tão caros. Daí me acolherei ao meu Milão, onde cada terceiro pensamento será dicado à minha sepultura.

ALONSO

Estou ansioso por ouvir a história de vossa vida, que há de estranhamente prender-nos a atenção.

PRÓSPERO

Contarei tudo, prometendo-vos mares calmos, auras auspiciosas e velas tão velozes que alcançareis, dentro de pouco tempo, vossa real esquadra. *(À parte, a Ariel)* Meu Ariel, deixo isso a teu cuidado, e, após, sê livre nos elementos. Passa bem, querido. — Por obséquio, senhores, entrai logo.

(Saem)

EPÍLOGO *(dito por Próspero)*

Meu encanto terminado, reduzi-me ao próprio estado, que é bem precário, em verdade. Agora, vossa vontade aqui poderá deixar-me ou a Nápoles enviar-me. Mas é certo que alcancei meu ducado, e já perdoei quem mo roubara. Por isso, não queira vosso feitiço que eu nesta ilha permaneça tão

estéril e revessa, mas dos encantos malsãos livrai-me com vossas mãos. Vosso hálito deve inflar minhas veias pelo mar; caso contrário, meu plano de agradar será vesano, pois de todo ora careço da arte negra de alto preço, que os espíritos faziam surgir de noite ou de dia. Restou-me o temor escuro; por isso, o auxílio procuro de vossa prece que assalta até mesmo a Graça mais alta, apagando facilmente as faltas de toda gente. Como quereis ser perdoados de todos vossos pecados, permiti que sem violência me solte vossa indulgência.



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com